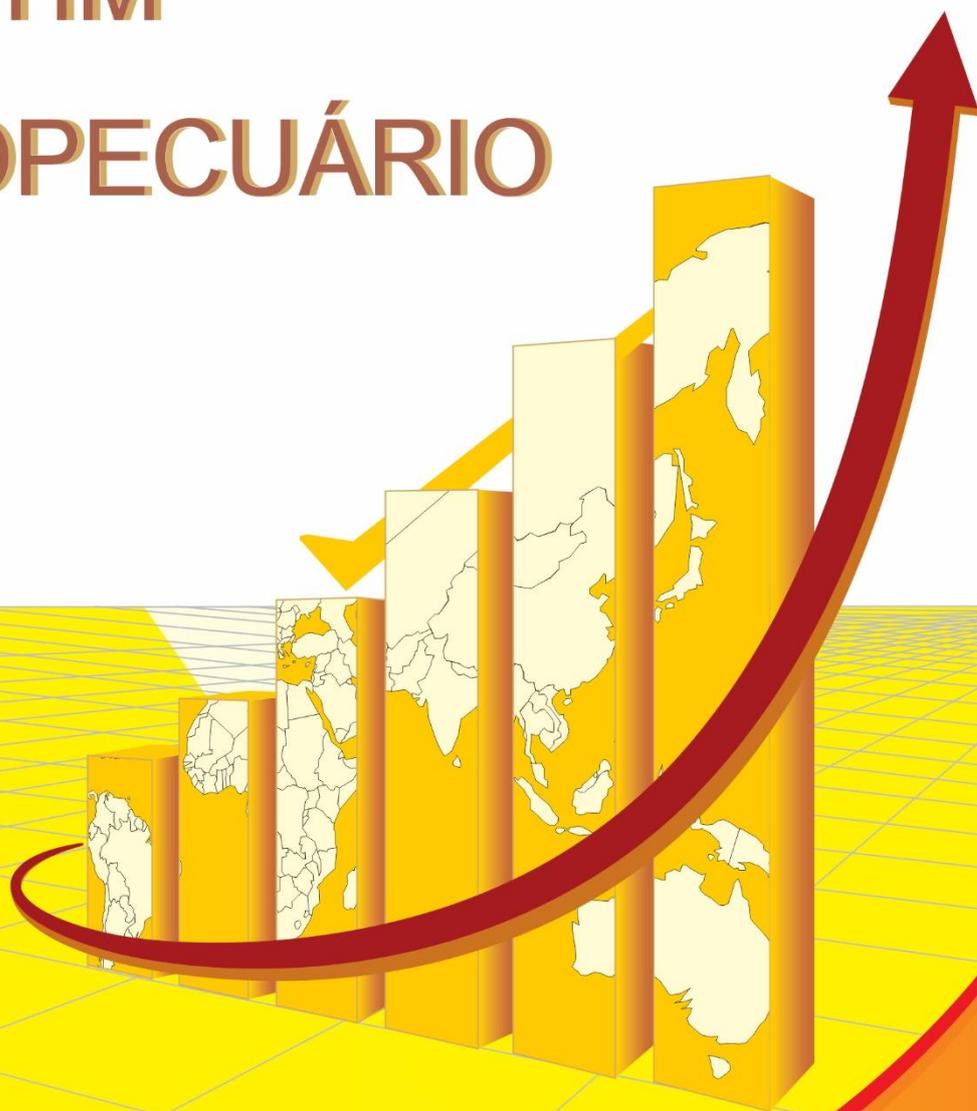


BOLETIM AGROPECUÁRIO





Governador do Estado

Carlos Moisés da Silva

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural

Ricardo de Gouvêa

Presidente da Epagri

Edilene Steinwandter

Diretores

Célio Haverroth

Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira

Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto

Extensão Rural e Pesqueira

Vagner Miranda Portes

Ciência, Tecnologia e Inovação



ISSN: 0100-8986 (impresso)
ISSN: 2674-9521 (on-line)

DOCUMENTOS Nº 326

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Glaucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2020

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Revisão técnica: Léo Teobaldo Kroth/Dilvan Luiz Ferrari – Epagri/Cepa

Colaboração:

Andressa Mariani Bee – Caçador (UGT 10)

Bruna Parente Porto – Florianópolis (UGT 7)

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Orlando Fuchs – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Maurício E. Mafra – Ceasa/SC

Nilsa Luzzi – Jaraguá do Sul (UGT 6)

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Edição: outubro de 2020 – (*on-line*)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

EPAGRI/CEPA. **Boletim Agropecuário**. Outubro/2020. Florianópolis, 2020, 51p. (Epagri. Documentos, 326).

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 – 70). Em abril/2019 passou a integrar a série Documentos com numeração própria.

Análise de mercado; safras; conjuntura.

ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (*on-line*)

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

Sumário

Fruticultura	7
Banana	7
Grãos	11
Arroz	11
Feijão	15
Milho.....	18
Soja	23
Trigo.....	27
Hortaliças	29
Alho.....	29
Cebola.....	33
Pecuária	35
Avicultura.....	35
Bovinocultura	40
Suinocultura.....	44
Leite	50

Fruticultura

Banana

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.sc

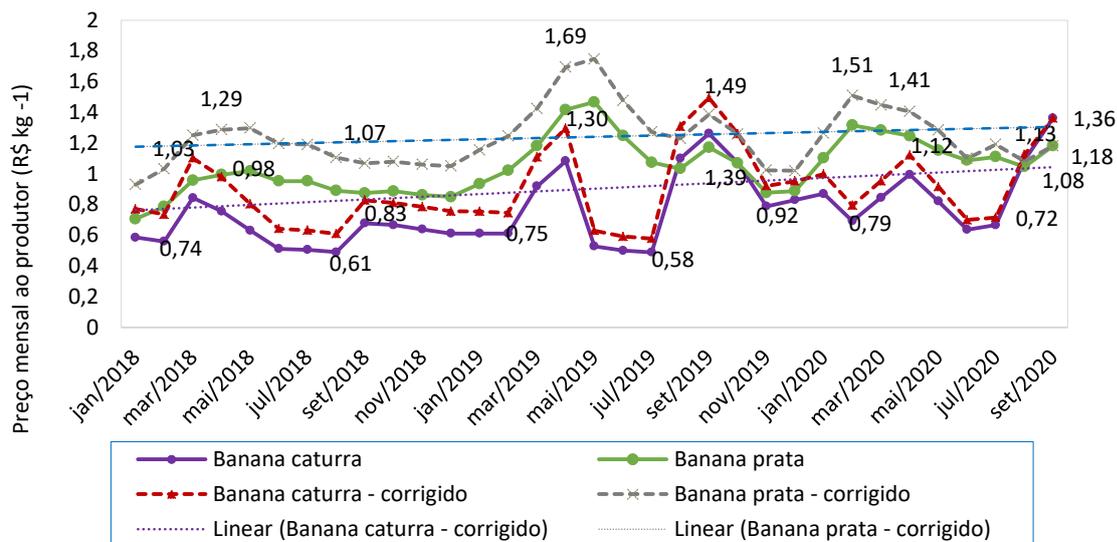


Figura 1. Banana – Santa Catarina: evolução do preço mensal ao produtor

Nota: preço nominal e corrigido (IGP-DI/FGV – set/20=100).

Fonte: Epagri/Cepa.

Entre agosto e setembro de 2020, houve valorização de 21,1% nas cotações da banana-caturra, como reflexo da redução de plantas devido aos efeitos do ciclone que afetou os bananais no mês de junho. Em setembro, o preço médio mensal de 2020 está desvalorizado 8,8% em relação ao do ano anterior e valorizado 64,7% ao de 2018. No 3º trimestre de 2020, os preços apresentaram redução de 5,3% em relação aos do mesmo período do ano anterior, mas ainda está valorizado 54,8% em relação à 2018. Nos bananais, houve adequações nas áreas em produção, com replantio entre 20% a 50% das plantas, principalmente no litoral norte catarinense.

As cotações da banana-prata recuperaram a desvalorização, com aumento de 9,3% entre agosto e setembro de 2020. Mas, no comparativo do preço de setembro com o preço do mesmo mês ano anterior, manteve desvalorização de 14,8%, devido aos problemas no calibre da fruta comercializada. No terceiro trimestre de 2020, os preços apresentaram redução de 11,2% em relação ao ano anterior. Mas, no comparativo com o mesmo período de 2018, houve valorização de 2,7%. A expectativa é de aumento na demanda relativa a partir de outubro, com aumento na produção, o que deve manter a valorização nas cotações mensais, mas a níveis abaixo dos do ano anterior.

Tabela 1. Banana – Santa Catarina preço médio ao produtor (R\$.kg⁻¹) nas principais praças – 2020

Praça	Mês				Var. (%) Set./20-Ago./20
	Jun./20	Jul./20	Ago./20	Set./20	
Jaraguá do Sul					
Caturra	0,41	0,61	0,9	1,19	33
Prata	0,77	1,07	0,72	0,87	20,7
Sul Catarinense					
Caturra	0,55	0,74	0,85	0,99	16,9
Prata	0,86	1,17	0,95	1,02	7

 Nota: Valores em R\$/cx. 20 a 22 kg transformados em R\$.kg⁻¹

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban, outubro/2020.

Em relação aos danos causados pelo ciclone, no Norte Catarinense 25% da área dos bananais foi completamente destruída, e 55% da área foi afetada com perdas estimadas de 20 a 60. Com isso, os produtores estão fazendo a limpeza e adubando os bananais. Porém, a maioria necessita que replantio, que está sendo feito com mudas próprias, pois há falta de mudas no mercado estadual. As bananeiras que ficaram em pé já foram colhidas. As associações de produtores da região estimam uma queda significativa na produção desta safra 2020/21. Com o preço valorizado da banana-caturra, houve aumento na demanda da banana prata, o que valorizou as cotações desta na região. No Sul Catarinense, os bananais seguem em processo de recuperação após a passagem do Ciclone ocorrido entre junho e julho. As medidas vão desde aplicação de insumos e desfolha para recuperação de plantas afetadas e, até mesmo, o replantio das plantas que foram totalmente destruídas ou tombadas com a força dos ventos.

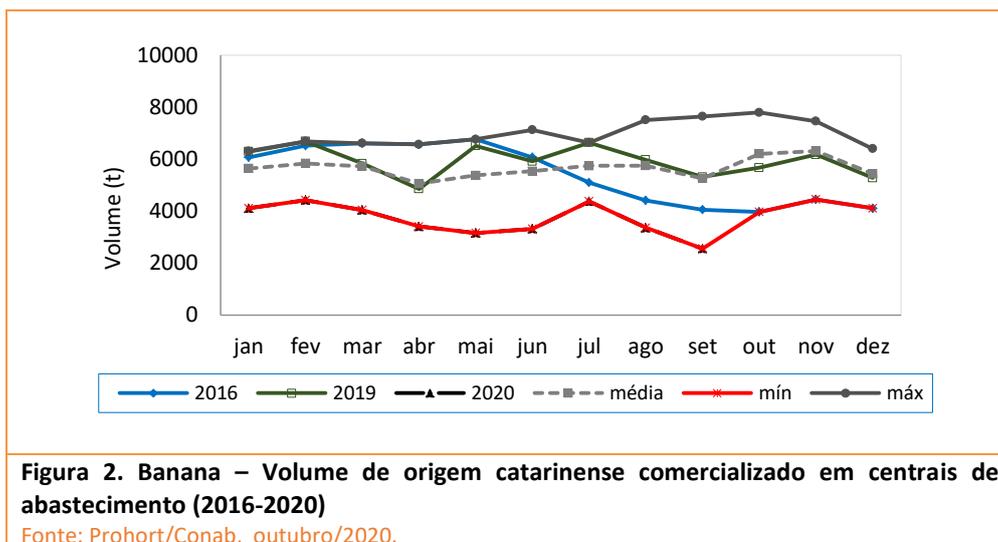
Tabela 2. Banana – Santa Catarina: preço médio no atacado (R\$.kg⁻¹) nas principais praças – 2020

Praça	Mês				Var. (%) Ago./20-Set./20
	Jun./20	Jul./20	Ago./20	Set./20	
Florianópolis (Ceasa)					
Caturra	0,71	1,67	1,52	1,90	25,0
Prata	0,95	1,90	1,52	1,52	0,0
Jaraguá do Sul					
Caturra	0,89	1,39	1,47	1,80	22,2
Prata	1,39	1,87	1,44	1,55	7,9
Sul Catarinense					
Caturra	1,04	1,30	1,36	1,56	14,7
Prata	1,49	1,87	1,52	1,59	4,4

 Nota: Valores em R\$ por cx. 18 a 20 kg transformados em R\$.kg⁻¹.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban, outubro/2020.

As cotações do mercado atacadista, nas praças catarinenses, apresentaram comportamento similar para ambas as variedades acompanhadas. A banana-caturra, com preços acima da banana prata nos entrepostos, confirmou a valorização em função da baixa oferta da fruta nos mercados das principais regiões produtoras e aumento da demanda relativa nos dois últimos meses analisados (Tabela 2). Já a banana-prata, apresentou desvalorização em função da redução da qualidade das frutas no bananais, devido aos efeitos do ciclone e a necessidade de escoar a produção das lavouras.



Entre janeiro e setembro de 2020, o volume comercializado de banana de origem catarinense nas principais centrais de abastecimento do país foi de 32,75 mil toneladas. Este volume foi 34,4% menor que a média entre 2016 e 2020 (49.924 toneladas); 39,3% menor que a quantidade negociada em 2019 (53.994t), e 37,2% menor que o volume de 2016 (52.158t), ano com as menores vendas até então. No primeiro trimestre, a quantidade comercializada de banana foi 26,9% menor que a média do quinquênio (17.206t); no segundo, a redução foi de 38,1% em relação à média (15.966t), e no terceiro trimestre, com 10.296t, foi 38,5% menor que a média anual (17.921t) e 24,1% menor que a quantidade vendida em 2016 (13.563t).

Entre janeiro e setembro de 2020, houve redução de 14,1% no valor das exportações catarinenses de banana, passando de US\$8,49 milhões em 2019 para US\$ 7,29 milhões, com diminuição de 9,8% no volume comercializado, que passou de 32,0 mil toneladas para 28,9 mil toneladas em 2020. Nos três trimestres do ano corrente, houve redução do volume exportado, sendo que no 3º trimestre a quantidade reduziu 17,0% em relação ao ano anterior, e com diminuição no valor em 20,8%. É importante destacar que, no terceiro trimestre, as exportações catarinenses de banana estão sendo substituídas por frutas de origem paranaense e riograndense. Entre julho e setembro, ambos os estados apresentaram incremento de três vezes nas quantidades negociadas relativas aos volumes de anos anteriores. Já Santa Catarina, reduziu em 1,49 mil toneladas o volume exportado em comparação ao ano anterior. Os efeitos do ciclone, com redução na produção estadual, estão diminuindo em US\$30 mil a participação no mercado exportador deste ano, comparado com o valor negociado no ano anterior, principalmente, com o Mercosul.

Tabela 3. Banana – Preço médio ao produtor (R\$.kg⁻¹)⁽¹⁾ nas principais praças do Brasil – 2020

Praça	Mês			Variação (%) Set./20-Ago./20
	Jul./20	Ago./20	Set./20	
Bom Jesus da Lapa (BA)				
Nanica	1,37	1,48	1,76	18,9
Prata	1,25	1,17	1,47	25,6
Norte de Minas Gerais (MG)				
Nanica	1,34	1,53	1,88	22,9
Prata	1,27	1,08	1,59	47,2
Vale do Ribeira (SP)				
Nanica	1,21	1,45	1,80	24,1
Prata	1,35	1,10	1,51	37,3
Vale do São Francisco (BA e PE)				
Nanica				
Prata	1,41	1,30	1,49	14,6

⁽¹⁾ Preço médio mensal em R\$.kg⁻¹.

Fonte: Epagri/Cepa adaptado de CEPEA/Esalq/USP.

Nas regiões produtoras do norte de Minas e do Vale do Ribeira, a oferta continua restrita e com cotações valorizadas para a banana-nanica. A estratégia dos comerciantes é a compra em maiores volumes com menor repasse de preços ao varejo. Em setembro, as baixas temperaturas devem atrasar o enchimento dos cachos com frutos de menor calibre. A banana-prata, que estava desvalorizada em agosto, recuperou os preços com a redução sazonal na colheita e aumento da demanda em função das cotações mais altas da banana-nanica. Nas regiões produtoras do Nordeste, em agosto a banana-prata teve redução no preço, pela necessidade de escoar a produção com o aumento da produção nos bananais. No mês de setembro, com a redução relativa na oferta e aumento na demanda, as cotações da variedade de prata-anã valorizaram, mas as temperaturas mais altas na última quinzena devem afetar os preços, com novo aumento na produção nos bananais da região.

Tabela 4. Banana – Santa Catarina: comparativo da estimativa das safras 2019/20 e 2020/21

Microrregiões	Estimativa 2019/20			Estimativa 2020/21			Variação (%) 2019-2020		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (%)	Produção (%)	Rend. médio (%)
Blumenau	4.311	139.525	32.368	4.409	96.326	21.848	2,3	-31,0	-32,5
Itajaí	3.574	120.048	33.585	3.646	88.548	24.287	2,0	-26,2	-27,7
Joinville	12.972	385.327	29.703	12.931	223.284	17.267	-0,3	-42,1	-41,9
São Bento do Sul	347	7.052	20.345	357	7.193	20.147	3,0	2,0	-1,0
Araranguá	5.220	61.268	11.737	5.321	48.034	9.027	1,9	-21,6	-23,1
Criciúma	1.285	19.506	15.176	1.285	17.130	13.331	0,0	-12,2	-12,2
Tubarão	100	1.189	11.851	100	863	8.630	-0,3	-27,4	-27,2
Total	27.810	733.915	26.391	28.049	481.378	17.162	0,9	-34,4	-35,0

Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2020).

Grãos

Arroz

Glaucia Padrão
Economista, Dr^a. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Preços ao produtor

Os preços ao produtor continuaram trajetória crescente no mês de setembro, variando 26,12% em relação ao mês de agosto em Santa Catarina e 28,03% no Rio Grande do Sul. Na primeira quinzena de outubro, embora os preços tenham continuado elevados, a variação em relação ao mês anterior é de menos de 3% em Santa Catarina e 1,39% no Rio Grande do Sul, o que pode indicar que os preços estejam se aproximando do máximo. Conforme pode ser visto na Figura 1, o comportamento dos preços na safra 2019/20 tem seguido comportamento atípico, principalmente a partir do mês de abril/2020. Para outubro, o comportamento histórico indica uma variação de aproximadamente 3% em relação ao preço médio da safra, enquanto a variação observada na primeira quinzena do mês em 2020 foi de 46,89% em relação à média da safra.

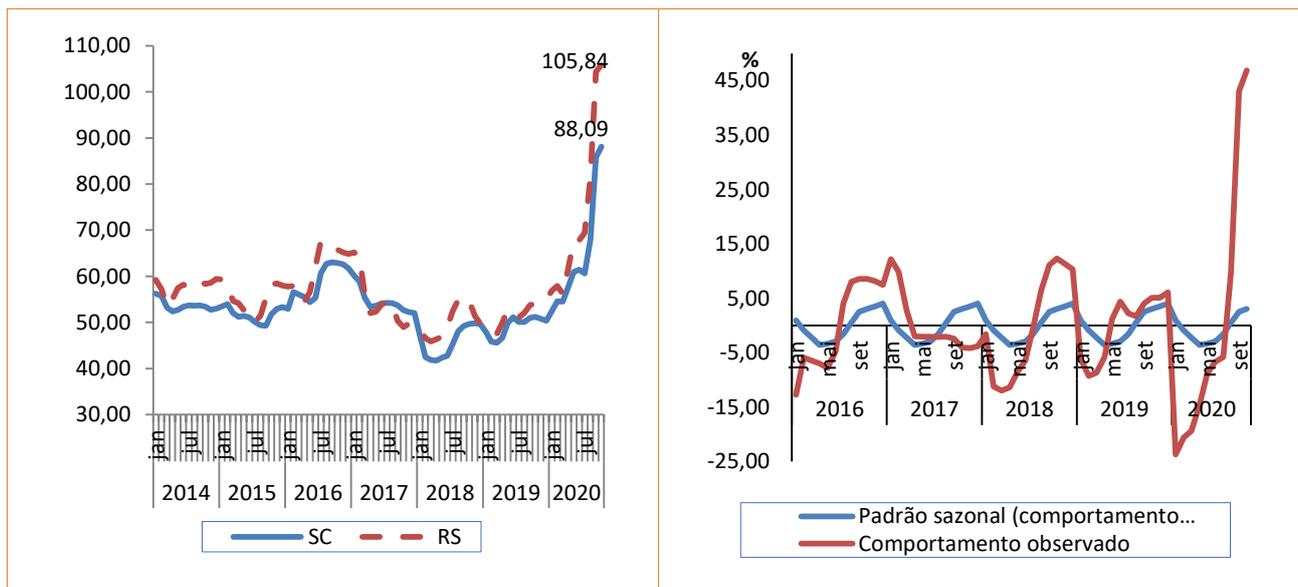


Figura 1. Arroz irrigado – Evolução do preço médio real mensal ao produtor (R\$/sc 50kg) – Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Jan./2014 a out./2020) e comparativo do comportamento esperado e observado dos preços catarinenses (%)

Nota: ¹ Estimativa de preços médios da primeira quinzena de setembro de 2020.

Preços corrigidos pelo IGP-Di (Base Setembro/2020).

Fonte: Epagri/Cepa (SC) e Cepea (RS), Outubro/2020.

A combinação de preços baixos em safras passadas e forte dependência de financiamento para custeio da safra, levam à necessidade de comercialização imediata após a colheita, para fazer caixa. Apesar dos bons preços observados nos últimos meses, cabe ressaltar que a maior parte dos produtores catarinenses já comercializou sua produção, à medida em que foi avançando a colheita. A Figura 2 mostra a evolução do percentual estimado de comercialização do arroz em casca por mês no estado e os preços médios praticados de janeiro a setembro de 2020. Observa-se que de janeiro a julho, quando ocorre a colheita do arroz no estado, aproximadamente 87% da produção já havia sido comercializada, ao preço médio de

R\$51,42/sc de 50kg. Entre agosto e setembro, cerca de 5% da produção foi comercializada, em que 2,5% alcançou preço médio de R\$65,85 e outros 2,5% alcançou R\$85,83 por saca de 50kg. Até o final do ano, resta pouco mais de 5% da produção, que pode alcançar preços maiores. Ressalta-se, ainda, que a valorização do dólar frente ao real resulta em aumento dos custos de produção, haja vista que a maior parte dos insumos são importados. Dessa forma, a atenção se volta para a próxima safra, visto que os produtores produzirão a um custo maior e o aumento das importações pode ocasionar preços de comercialização bem menores.

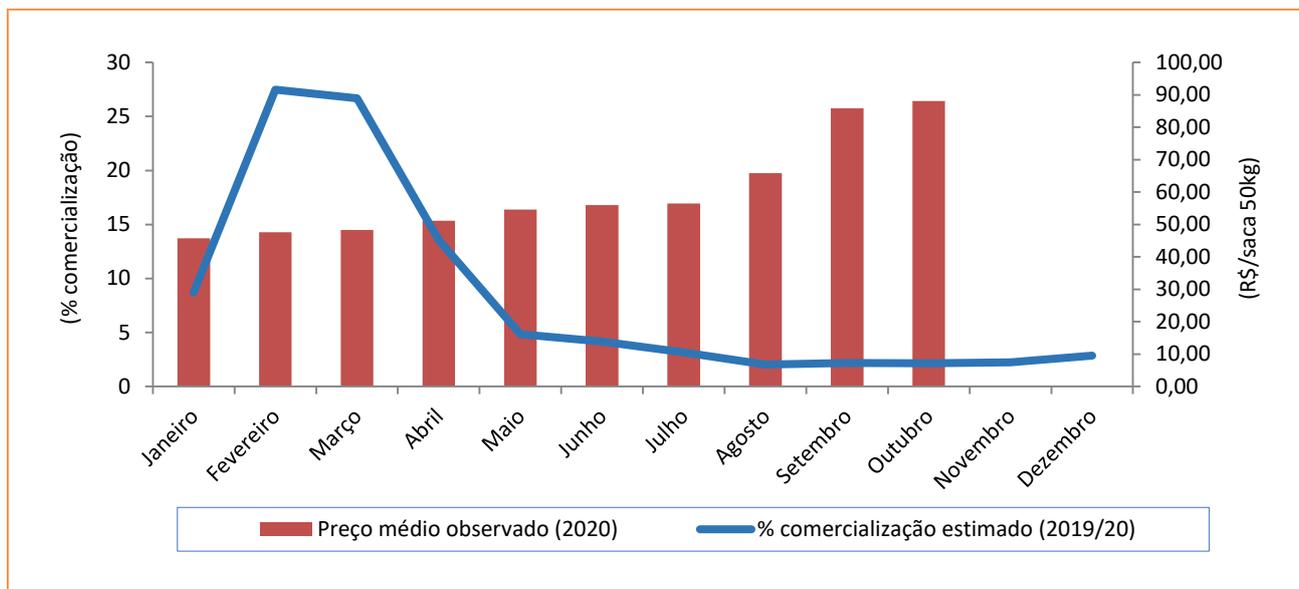
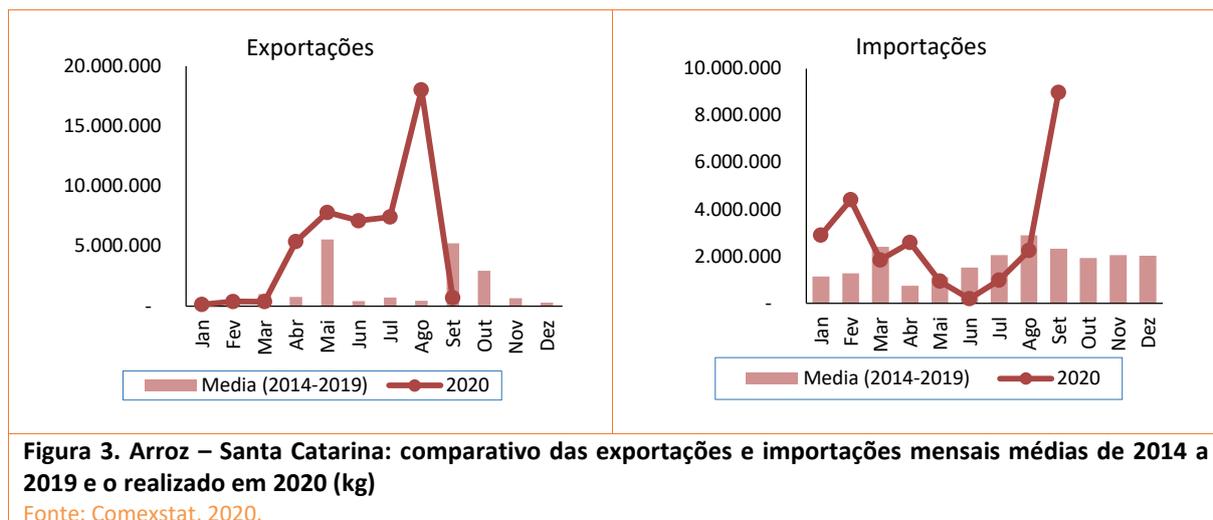


Figura 2. Arroz irrigado – Santa Catarina: evolução do preço médio nominal mensal ao produtor em 2020 (R\$/Sc 50kg) e % comercializado mensal estimado da produção da safra 2019/20

Fonte: Epagri/Cepa (SC).

Mercado externo

As exportações catarinenses também apresentaram comportamento atípico nos últimos meses. De janeiro a setembro de 2020, o estado exportou mais de 47 mil toneladas de arroz e importou mais de 25 mil toneladas. Até o momento, o volume total exportado equivale a quase oito vezes o volume total exportado pelo estado em todo o ano de 2019. Entre os principais destinos da exportações, destacam-se África do Sul, Guatemala e Senegal, que já são parceiros comerciais tradicionais do estado. Do lado das importações, quase 60% vieram do Uruguai, seguido do Paraguai, responsável por cerca de 34% deste volume. Com a decisão da Câmara de Comércio Exterior (Camex), do Ministério da Economia, de reduzir, até dezembro de 2020, a alíquota do imposto de importação de até 400 mil toneladas de arroz com casca não parboilizado e arroz semibranqueado e branqueado não parboilizado, surgem muitas dúvidas à respeito dos efeitos no mercado doméstico. Entre os países que já comercializaram com Santa Catarina neste e em outros anos e, portanto, podem ser origem de maiores volumes de importação nos meses que se seguem, destacam-se os Estados Unidos, a Argentina e o Paquistão. Estes últimos já ampliaram sua participação no mercado catarinense em setembro.



Comparativo de safra

A estimativa inicial da safra 2020/21 aponta para uma estabilidade na área plantada, em torno de 149 mil hectares. Desta área, cerca de 87% já foi semeada até a segunda semana de outubro, principalmente no litoral norte, que já conta com mais de 85% da área semeada, conforme pode ser observado no mapa abaixo. O clima propício resultou em plantio adiantado em relação à safra anterior, mas segue ritmo normal se comparado à safras anteriores. Contudo, cabe destacar que na safra passada o plantio atrasou em função da estiagem. Em relação à produção e produtividade, é esperada uma redução de 5,67% em comparação à safra anterior. Isso decorre do fato de que na safra passada, 2019/20, a produtividade média obtida foi superior às observadas nos anos anteriores, especialmente no sul do estado, graças a uma conjunção de fatores, como a distribuição das chuvas, luminosidade adequada, uso de cultivares de alto potencial produtividade e incremento tecnológico. Assim, para esta safra a produtividade deve retornar a um patamar tido como normal para o estado. Como trata-se de uma estimativa inicial, os dados são revisados mensalmente e podem ser alterados no decorrer da safra. Ao todo, estima-se que a indústria catarinense terá disponível cerca de 1,2 milhão de toneladas de arroz em casca para beneficiamento. Em relação à condição de lavoura, aproximadamente 99% encontra-se em situação boa ou ótima, o que indica até o momento que as lavouras estão se desenvolvendo normalmente.

Tabela 1. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo das safras 2019/20 e 2020/21

Microrregião	Safra 2019/20			Estimativa Inicial - Safra 2020/21			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	58.848	504.920	8.580	58.848	454.033	7.715	0,00	-10,08	-10,08
Blumenau	7.101	63.364	8.923	7.116	62.977	8.850	0,21	-0,61	-0,82
Criciúma	21.828	191.178	8.758	21.830	168.701	7.728	0,01	-11,76	-11,77
Florianópolis	1.902	11.783	6.195	1.902	12.338	6.487	0,00	4,71	4,71
Itajaí	9.478	74.451	7.855	9.446	76.607	8.110	-0,34	2,90	3,24
Ituporanga	171	1.503	8.790	171	1.539	9.000	0,00	2,39	2,39
Joinville	18.226	150.295	8.246	18.226	150.067	8.234	0,00	-0,15	-0,15
Rio do Sul	10.668	89.466	8.386	10.695	93.757	8.766	0,25	4,80	4,53
Tabuleiro	132	739	5.598	132	924	7.000	0,00	25,04	25,04
Tijucas	2.164	16.201	7.486	2.164	16.089	7.435	0,00	-0,69	-0,69
Tubarão	18.940	150.239	7.932	18.941	145.994	7.708	0,01	-2,83	-2,83
Santa Catarina	149.458	1.254.139	8.391	149.471	1.183.026	7.915	0,01	-5,67	-5,68

Fonte: Epagri/Cepa, setembro/2020.

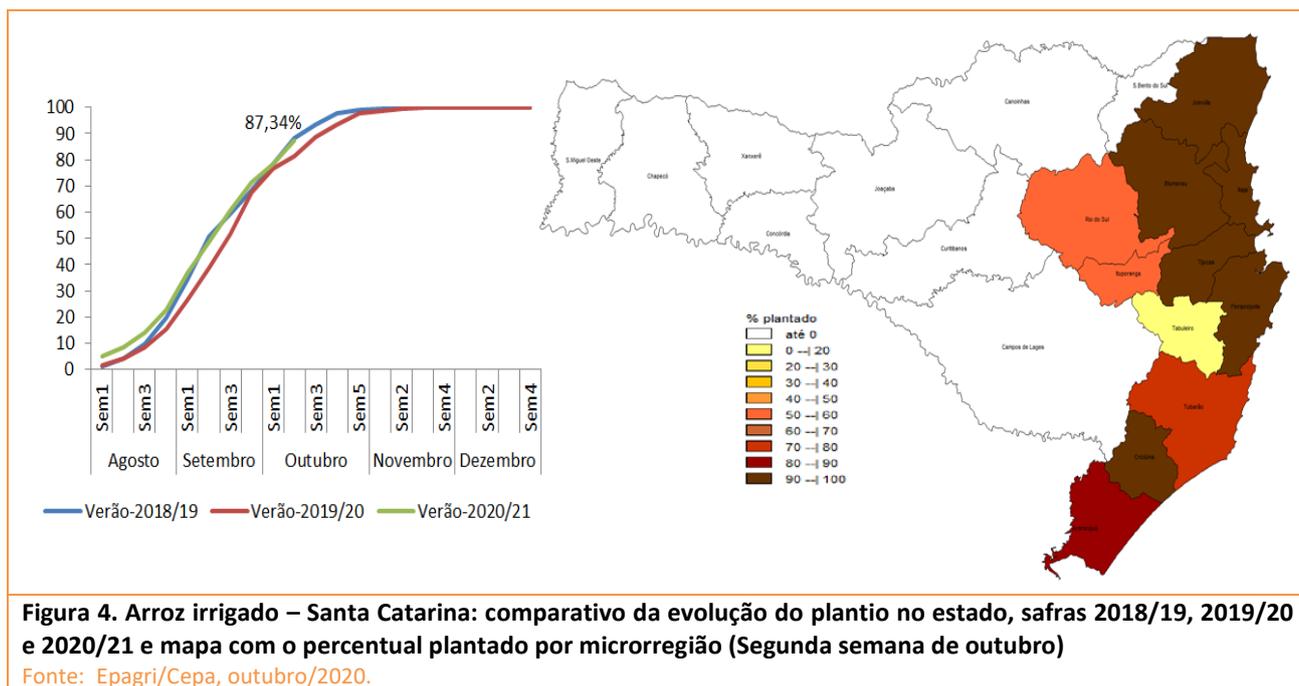


Figura 4. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo da evolução do plantio no estado, safras 2018/19, 2019/20 e 2020/21 e mapa com o percentual plantado por microrregião (Segunda semana de outubro)

Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2020.

Feijão

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Os preços do feijão pagos ao produtor continuam em alta. O mercado atacadista segue especulando, com oferta de valores menores para lotes maiores, mas sem sucesso. Produtores estão atentos ao que ocorre no campo, já se sabe que teremos uma safra nacional menor, e em relação a qualidade dos grãos, vai depender muito das variações climáticas dos próximos meses. Vale lembrar que estamos sob efeito do fenômeno *La Niña*, ou seja, chuvas em menor volume e mal distribuídas. Com isso, é possível que tenhamos uma menor oferta de produto, fazendo com que os preços se mantenham nos atuais patamares.

Os preços pagos aos produtores em todos os estados acompanhados tiveram variação positiva. Em Santa Catarina, os produtores de feijão-carioca receberam em média 6,86% a mais em setembro em comparação ao mês anterior. Para o feijão-preto, variação positiva de 18,74% no mesmo período. Em relação a variação anual, no mercado catarinenses os preços do feijão-carioca estão 65% acima dos praticados há um anos, e para o feijão-preto, incremento anual de aproximadamente 80%.

Tabela 1. Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Set./2020	Ago./2020	Variação mensal (%)	Set./2019	Variação Anual (%)
Santa Catarina	Feijão-Carioca	194,45	181,96	6,86	117,84	65,01
Paraná		252,88	192,69	31,24	138,77	82,23
Mato Grosso do Sul		267,16	199,23	34,10	146,92	81,84
Bahia		231,28	204,31	13,20	153,24	50,93
São Paulo		279,23	222,00	25,78	164,52	69,72
Goiás		265,28	212,67	24,74	154,19	72,05
Santa Catarina	Feijão-Preto	220,34	185,56	18,74	122,42	79,99
Paraná		240,13	225,37	6,55	118,20	103,16
Rio Grande do Sul		241,54	229,98	5,03	128,61	87,81

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, BA, SP, GO e RS), outubro/2020.

O comportamento do mercado atacadista de feijão segue em ritmo considerado calmo. A Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP) não registrou variação significativa nos preços médios negociados entre os dias 14/09/2020 e 14/10/2020.

Tabela 2. Feijão – Preço médio diário do feijão no mercado atacadista de São Paulo

Produto ⁽¹⁾	14/10/2020	14/09/2019	Variação anual (%)	Mercado ⁽²⁾
Feijão-Carioca Extra Novo (9,5)	252,50	252,50	0,0	Calmo
Feijão-Carioca Extra (9,0)	242,50	242,50	0,0	Calmo
Feijão-Carioca Especial (8,5)	232,50	232,50	0,0	Calmo
Feijão-Preto Extra	245,00	245,00	0,0	Calmo
Feijão-Preto Especial	225,00	225,00	0,0	Calmo

⁽¹⁾ feijão nacional, maquinado, saca 60kg, 15 dias, CIF/SP.

⁽²⁾ comportamento do mercado em 14/10/2020.

Nota 1: calmo - quando os preços estiverem mantidos ou com pequenas oscilações.

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP), outubro/2020.

Safra Nacional

A 1ª safra de feijão 2020/21 está em andamento em todo país. Na Região Sudeste, primeira a ofertar produto no mercado a partir de novembro, as lavouras apresentam boas condições agronômicas. Segundo dados da Conab, as variações climáticas registradas em algumas regiões, como estiagens prolongadas e/ou temperatura média muito elevada, influenciaram o desenvolvimento de algumas lavouras. Mesmo assim, as previsões são de uma safra superior em relação à colhida na temporada passada. A expectativa de aumento na áreas plantada se justifica, sobretudo, pelo mercado favorável. Os bons preços que praticados desde o início do ano, motivaram muitos produtores a aumentar a área plantada nesta safra.

Na Região Sul, as operações de semeadura foram prejudicadas pela falta de chuvas. A expectativa é que, com a volta das chuvas, os plantios se intensifiquem significativamente. No estado do Paraná, segundo dados do Deral/PR, até a última semana de setembro, cerca de 55% da área destinada ao cultivo já havia sido semeada. A expectativa é que, até final de novembro esta etapa do cultivo esteja concluída em todo estado. Nesta safra 2020/21, o Paraná deverá cultivar cerca de 103,5 mil hectares de feijão 1ª safra.

No Rio Grande do Sul, segundo dados da Emater/RS, o plantio do feijão 1ª safra está praticamente concluído. A falta de chuvas prejudicou o desenvolvimento das lavouras mais adiantadas, assim como dificultou a implantação das lavouras mais tardias. Com isso, em muitas regiões produtoras há registro de lavouras bastante desuniformes quanto ao seu desenvolvimento. A expectativa é que, com a volta das chuvas, as lavouras se desenvolvam melhor durante as fases mais críticas do ciclo, como a floração e o enchimento de grãos, quando falta de umidade pode comprometer definitivamente o rendimento das lavouras.

Safra Catarinense

Em Santa Catarina, a semeadura deverá ser concluída em novembro, com a implantação das lavouras mais tardias. Em todo estado, até a última semana de setembro cerca de 27% da área destinada à cultura já havia sido semeada. Como pode ser observado no gráfico abaixo, até a semana 40 (27/09 a 03/10), no comparativo com a última safra, a microrregião com maior atraso no plantio é São Miguel do Oeste, devido a falta de chuvas durante praticamente todo mês de setembro, que prejudicou a implantação das lavouras. Nas microrregiões mais frias do estado, como Campos de Lages, Curitibanos e Joaçaba, o plantios ainda não iniciaram.

Na microrregião de Canoinhas, as variações climáticas no período de implantação das lavouras (calor, frio, estiagem), está influenciando negativamente no desenvolvimento da cultura. É observado, em algumas áreas, o aparecimento de pragas e doenças e o menor stand de plantas, porém, passíveis de recuperação com manejos adequados de adubação e controle químico.

Já na microrregião de São Miguel do Oeste, os plantios de lavouras comerciais praticamente foram suspensos em função da falta de umidade no solo. Os plantios já realizados estão com a germinação desuniforme e há necessidade de replantios em algumas áreas. O desenvolvimento está muito aquém do esperado. Continua a situação ruim em todas as áreas já implantadas de feijão. Na região Oeste, em função da pouca chuva ocorrida nas últimas semanas, os plantios acontecem em ritmo lento. A falta de chuvas tem prejudicado algumas lavouras em desenvolvimento, mas sem registro de prejuízos econômicos.

Nas regiões Sul e Alto Vale do Rio Itajaí, as lavouras implantadas apresentam desenvolvimento satisfatório. Em alguns localidades do Sul do estado, chuvas mal distribuídas e em excesso tem atrapalhado a conclusão das operações de plantio.

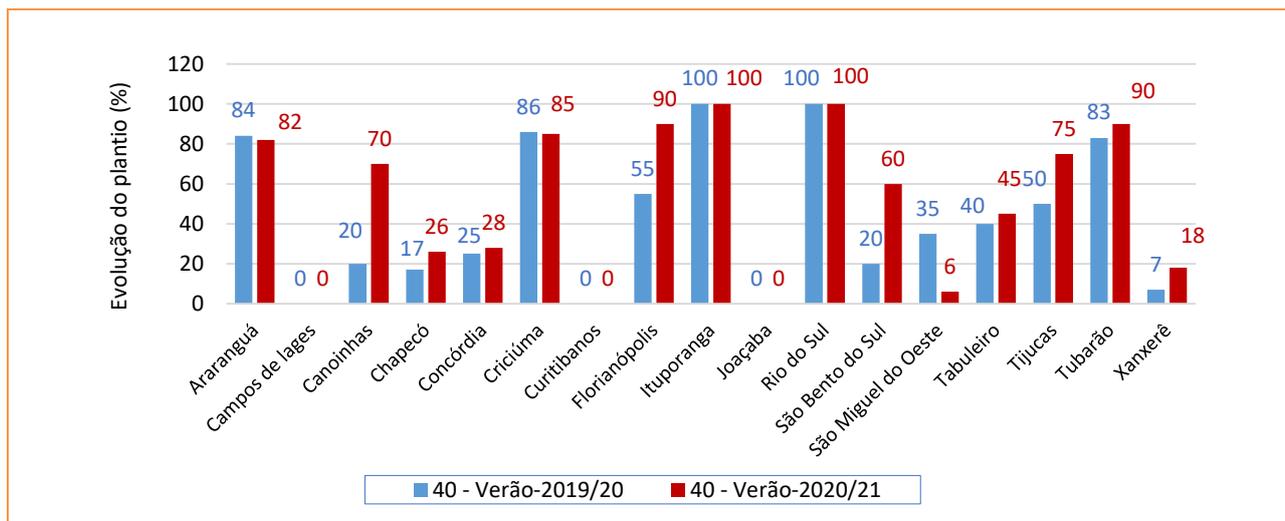


Figura 1. Feijão 1ª safra – Santa Catarina: evolução do plantio por microrregião geográfica – safras 2019/20 e 2020/21

Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2020.

Em relação às estimativas de área plantada, produção e rendimento médio das lavouras, pode-se observar que, mesmo com uma redução na área plantada de 2,2%, a quantidade produzida deverá crescer de 16,6%, resultado de um aumento da produtividade média de 19,2%. Estes resultados somente se confirmarão caso as condições climáticas sejam favoráveis, para que a safra transcorra normalmente.

Tabela 3. Feijão 1ª – Comparativo das safras 2019/20 e 2020/21

Microrregião	Safr 2019/2020			Estimativa Safr 2020/2021			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	54	50	926	53	53	1.000	-1,9	5,0	6,9
Campos de Lages	7.530	8.375	1.112	7.100	13.844	1.950	-5,7	65,3	75,3
Canoinhas	6.200	14.420	2.326	5.750	14.989	2.607	-7,3	3,9	12,1
Chapecó	2.208	4.585	2.077	2.313	4.127	1.784	4,8	-10,0	-14,1
Concórdia	411	642	1.562	384	592	1.541	-6,6	-7,8	-1,3
Criciúma	675	778	1.153	682	812	1.191	1,0	4,4	3,3
Curitibanos	4.780	8.505	1.779	4.810	11.358	2.361	0,6	33,5	32,7
Florianópolis	12	7	542	16	18	1.125	33,3	176,9	107,6
Ituporanga	1.010	1.628	1.612	930	1.647	1.771	-7,9	1,2	9,9
Joaçaba	2.369	3.435	1.450	2.893	5.769	1.994	22,1	67,9	37,5
Rio do Sul	596	965	1.618	558	982	1.760	-6,4	1,8	8,8
São Bento do Sul	600	1.200	2.000	500	1.050	2.100	-16,7	-12,5	5,0
São M. do Oeste	825	1.669	2.023	914	1.850	2.024	10,8	10,8	0,0
Tabuleiro	376	451	1.200	371	441	1.189	-1,3	-2,3	-0,9
Tijucas	166	172	1.033	180	237	1.317	8,4	38,2	27,4
Tubarão	773	963	1.246	767	981	1.279	-0,8	1,9	2,7
Xanxerê	7.384	15.047	2.038	6.945	14.568	2.098	-5,9	-3,2	2,9
Santa Catarina	35.969	62.891	1.748	35.166	73.317	2.085	-2,2	16,6	19,2

Fonte: Epagri/Cepa (SC), outubro/2020.

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em setembro, o preço médio mensal pago ao produtor em Santa Catarina foi de R\$53,73/sc de 60kg, 6,8% superior ao de agosto e 34,3% acima ao praticado em agosto de 2019 (Figura 1). Nos demais estados, os valores se mantiveram estabilizados em função da pressão da colheita da segunda safra. O ano já se caracteriza pelo padrão completamente atípico do mercado de grãos, registro de sucessivos preços recordes e históricos no período avaliado.

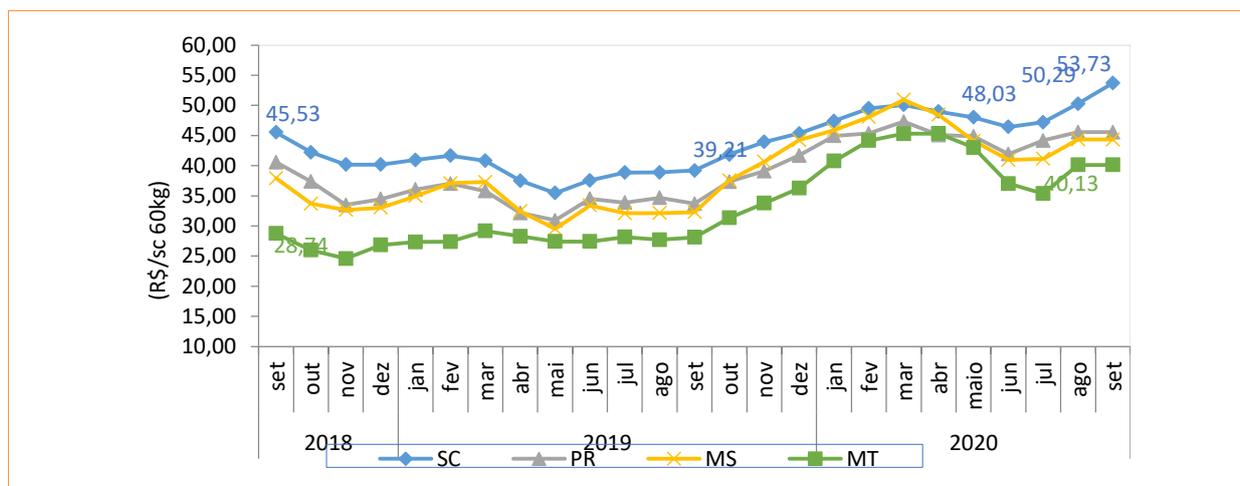


Figura 1. Milho – SC, PR, MT e MS: preço médio mensal pago ao produtor (R\$/sc de 60Kg) – set./2018 a set./2020 (atualizado IGP-DI)

Fonte: Epagri/Cepa, Deral-PR, Agrolink, setembro/2020.

Mercado

Alguns fatores que influenciaram o mercado em setembro e início de outubro:

- Em 2020, o comportamento dos preços é completamente fora do padrão de normalidade, contrariando uma tendência de retração dos preços durante a colheita da segunda e maior safra de milho no Brasil (70% da produção nacional). Desde o início de julho até 14 de outubro os preços tiveram alta superior a 38%¹;
- O dólar fortalecido, acima de 5,5:1 (relação dólar:real, desde 25 de setembro), mantém as exportações competitivas, com firme demanda nos portos. Os embarques ganharam força em julho e agosto. Em setembro estabilizaram, de acordo com dados da Secex/MDIC somaram 6,6 milhões de toneladas, 1,9% a mais que no mês anterior. No período de fevereiro a setembro de 2020 os embarques totalizaram 18 milhões de toneladas, 38% abaixo do registrado no mesmo período do ano anterior;
- A demanda interna pelo cereal reagiu positivamente em relação ao início da pandemia, com as exportações de carnes impulsionando o mercado;
- Os produtores catarinenses já haviam comercializado cerca de 95% da safra 2019/2020 até junho de 2020. Portanto, não se beneficiaram da forte elevação do preço no período, e,
- Como a colheita da primeira safra no Sul do Brasil se inicia somente em meados de janeiro/21, a disponibilidade interna do produto deverá ser ajustada, influenciada pelo ritmo das exportações.

¹ Preço ao produtor em 01 de julho = R\$44,00/sc e dia 14 de outubro = R\$61,00/sc (praça referência Chapecó, Epagri/Cepa).

Mercado Futuro – B3 – Ibovespa e CBOT- Chicago

Os preços do milho apresentaram comportamentos distintos ao longo de setembro. Na primeira quinzena do mês, o ritmo acelerado da colheita de segunda safra pressionou, mas movimento altista continuou. Nesse cenário, o Indicador ESALQ do milho (Campinas – SP) seguiu renovando as máximas nominais da série histórica iniciada em 2004. A média de setembro do Indicador, de R\$ 60,06/sc em 13 de outubro, registrou R\$69,09 (saca de 60kg, pagamento a vista).

Os preços no mercado futuro sinalizam movimento altista na Bolsa B3. Na segunda semana de setembro, os contratos com vencimento em março/21 apresentaram cotações de R\$59,55/sc de 60kg, enquanto em 13 e 14 de outubro, nos contratos CCM com vencimento em março/21, os valores foram acima de R\$71,00/sc², indicando expectativa de preços fortalecidos no médio prazo.

Na Bolsa de Chicago (CBOT), no mercado futuro de milho a cotação, em 13 de outubro para contratos com vencimento em março/21, era de US\$4,02/buschel, indicando também movimento de alta, mesmo em época de colheita da safra nos EUA.

Conjuntura e estimativa da safra de milho 2020/21

Os dados da estimativa inicial da safra 2020/2021 apontam para uma área cultivada de 331,35 mil hectares (primeira safra), aumento de 3,1% frente à safra passada. O prognóstico da produção total chega a 2,83 milhões de toneladas, com rendimento previsto de 8,53 toneladas por hectare. As regiões de Joaçaba e Canoinhas apresentam estimativa de alta na área de cultivo de 13,6% e 6,7%, respectivamente (Figuras 3 e 4). As regiões de Joaçaba, com 65,7 mil hectares, e Chapecó, com 43,9 mil hectares, respondem por 1/3 da produção total de milho do estado, regiões onde se localizam boa parte das agroindústrias, com forte demanda do cereal.

Tabela 1. Milho – Santa Catarina: área cultivada por microrregião. Safra 2019/20 e estimativa inicial safra 2020/21

MRG	Verão-2019/20			Verão-2020/21			Variação (%)		
	Área plant. (ha)	Prod. méd (kg/ha)	Quantidade (t)	Área plant. (ha)	Prod. médio (kg/ha)	Quantidade (t)	Área plantada	Rend. médio	Quant. prod.
Araranguá	7.724	6.478	50.033	7.759	6.716	52.112	0,5	3,7	4,2
Blumenau	1.890	4.648	8.785	1.815	4.669	8.474	-4,0	0,5	-3,5
Campos de Lages	30.580	4.337	132.635	31.910	6.910	220.510	4,3	59,3	66,3
Canoinhas	29.900	8.970	268.190	31.900	10.065	321.060	6,7	12,2	19,7
Chapecó	43.760	8.936	391.042	43.920	8.989	394.797	0,4	0,6	1,0
Concórdia	22.650	7.256	164.350	22.650	7.561	171.266	0,0	4,2	4,2
Criciúma	7.060	6.646	46.918	7.086	6.901	48.900	0,4	3,8	4,2
Curitibanos	26.065	8.290	216.081	26.065	10.424	271.710	0,0	25,7	25,7
Florianópolis	11	3.182	35	6	3.333	20	-45,5	4,8	-42,9
Ituporanga	10.960	5.896	64.620	10.550	7.418	78.260	-3,7	25,8	21,1
Joaçaba	57.895	8.479	490.916	65.790	8.922	586.972	13,6	5,2	19,6
Joinville	460	5.389	2.479	356	5.529	1.968	-22,6	2,6	-20,6
Rio do Sul	19.320	5.565	107.511	18.780	7.210	135.398	-2,8	29,6	25,9
São Bento do Sul	3.600	8.208	29.550	3.700	9.365	34.650	2,8	14,1	17,3
São Miguel do Oeste	28.064	8.979	251.996	28.958	8.472	245.324	3,2	-5,7	-2,6
Tabuleiro	2.381	4.908	11.686	2.410	5.826	14.040	1,2	18,7	20,1
Tijucas	1.680	4.429	7.440	1.855	5.046	9.360	10,4	13,9	25,8
Tubarão	4.976	6.148	30.595	5.015	6.370	31.947	0,8	3,6	4,4
Xanxerê	22.280	10.873	242.242	20.830	9.621	200.402	-6,5	-11,5	-17,3
Total Geral	321.256	7.835	2.517.104	331.355	8.532	2.827.170	3,1	8,9	12,3

Fonte Epagri/Cepa, outubro/2020.

² B3/ <http://www.b3.com.br>

Safra 2020/21 – Calendário

O desenvolvimento da safra de milho no estado acontece de maneira distinta entre as regiões. Os produtores reiniciaram e intensificaram o plantio do milho com as chuvas dos dias 08 e 09 de outubro no Oeste do estado, cujo calendário de plantio na região está atrasado em relação à safra anterior (Figura 3). As poucas chuvas em setembro nas Microrregiões de Chapecó, Concórdia, Xanxerê e São Miguel do Oeste, com registros de somente 30-40mm, foram insuficientes para manter boa umidade do solo e garantir uma germinação adequada. Nas regiões mais altas o plantio se encontra com o calendário de plantio antecipado em relação a safra anterior. O padrão das lavouras está inferior ao verificado no mesmo período de 2019. Nas regiões mais altas, a implantação das lavouras acontece de maneira mais intensiva após as chuvas registradas no início de outubro.

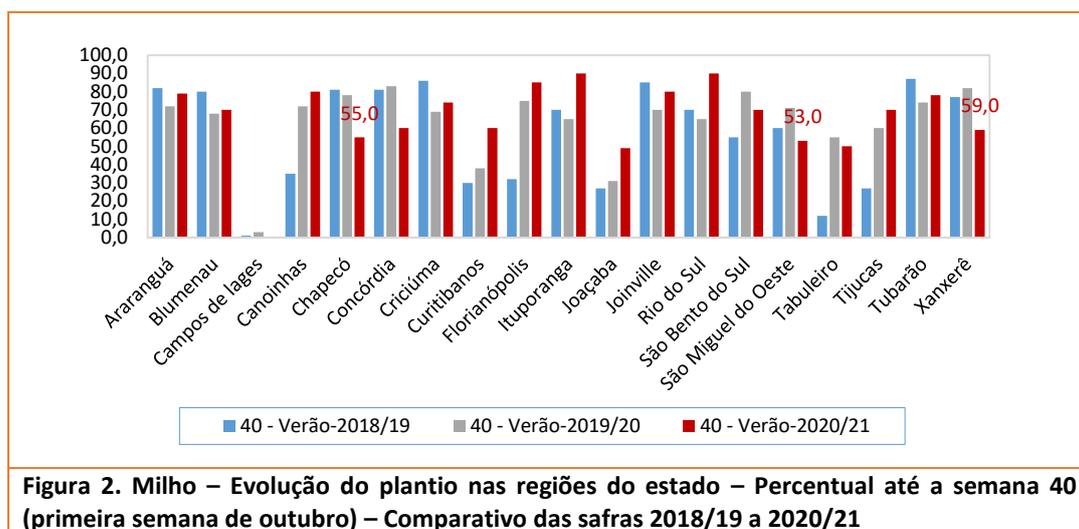


Figura 2. Milho – Evolução do plantio nas regiões do estado – Percentual até a semana 40 (primeira semana de outubro) – Comparativo das safras 2018/19 a 2020/21

Acompanhamento Safra – situação das lavouras nas regiões³.

- **Região Oeste:** A semana se caracteriza pela ocorrência de chuvas, apesar do baixo volume entre 16 a 32 mm. Os plantios nessa semana, após as chuvas, voltaram com maior intensidade. A implantação das lavouras, de modo geral está atrasado na atual safra em comparação aos anos anteriores. Algumas lavouras estão sendo dessecadas e replantadas. Desse modo vai atrasar a colheita. Outras lavouras estão com o estande de plantas abaixo e mesmo assim os agricultores não irão replantar em função dos custos e a incerteza do tempo para os próximos meses. Registro de ataque de lagartas na fase inicial em algumas áreas. O potencial produtivo poderá ser comprometido em função dos registros de fatores climáticos.

- **Região do Planalto Norte:** (Canoinhas/Mafra). As áreas apresentam bom estande e bom desenvolvimento vegetativo. Algumas lavouras ainda não receberam a primeira aplicação de adubação de cobertura (N - K), produtores aguardam chuvas mais consistentes para seguir com tratos culturais. Foi observado o aparecimento de pragas (lagartas) em áreas de plantadas mais cedo. Produtores estão fazendo o uso de defensivos para controle de pragas e doenças.

- **Região Planalto Sul:** Curitibanos/Campos Novos/Campos de Lages: Os serviços de semeio estão se desenvolvendo lentamente em função das poucas chuvas na semana. Nas grandes áreas plantio praticamente concluído. Em muitas áreas já foram nitrogenadas com a umidade ideal, outras sendo realizadas na expectativa de chuvas nos próximos dias. Nas pequenas propriedades, os plantios estão em andamento e, devem se estender até dezembro. Há registros de problemas decorrentes da falta de chuva e ataque de pragas. Na região de Lages, os plantios ainda não iniciaram.

³ Sistema de acompanhamento de safra, calendário. Registro da situação do desenvolvimento da safra na segunda semana de outubro (40) nas diferentes regiões do estado. Epagri/Cepa.

- **Sul do Estado:** Semana com clima favorável para os produtores prosseguirem com o plantio, que se aproxima do final na região. De modo geral as lavouras apresentam bom desenvolvimento vegetativo, seguem com os tratos culturais.
- **Alto Vale do Itajaí** (Rio do Sul e Ituporanga): o plantio segue com maior intensidade na segunda semana de outubro. Registro de granizo em alguns municípios, algumas lavouras foram prejudicadas.
- **Meio Oeste** (Joaçaba, Videira e Caçador): Plantio em andamento, porém deverá atrasar devido à falta de chuvas/umidade do solo.

Mercado mundial – evolução da safra no mundo

O relatório do USDA de outubro mostra estimativa de redução de 4,6 milhões de toneladas (MT) na produção da safra atual de milho dos Estados Unidos em relação à de setembro, em função de eventos climáticos. Porém, ainda se mantém superior em 9,4% em relação à safra passada. Em termos absolutos, representa 28 MT.

Para o Brasil, a estimativa de outubro eleva a produção da safra 2020/21 para 110 MT, aumento de 5,9%. A China e a Argentina têm prognóstico de redução da produção. Em termos globais, a variação é positiva em 4,1% (estimativa de setembro em relação à safra 2019), em termos absolutos, representa 42,5 MT.

Tabela 2. Milho – Produção mundial, principais produtores, safras 2019/20 e estimativas safra 2020/21 (set e out) (1.000t)

	2019/20 (a)	2020/21-set. (b)	2020/21-out. (c)	Qtde absoluta (c/a)	Variação (b/a)
EUA	345,9	378,5	373,9	28,0	9,42
China	260,8	260,0	260,0	-0,8	-0,31
Brasil	101,0	107,0	110,0	9,0	5,94
U.E.	66,7	66,3	66,1	-0,6	-0,60
Argentina	51,0	50,0	50,0	-1,0	-1,96
Outros	290,9	300,6	298,8	7,9	3,33
Mundo	1.116,3	1.162,4	1.158,8	42,5	4,1

⁽¹⁾ USDA. 9 October 2020, Global Market Analysis. Foreign Agricultural Service.

Fonte: USDA ⁽¹⁾, relatório outubro. <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulars/grain>.

Os maiores produtores mundiais também apresentam elevação do consumo doméstico de milho. Em termos absolutos, o consumo mundial em 2020/21 é estimado em 30,7 milhões de toneladas a mais que no ano anterior. A União Europeia teve um significativo aumento no consumo, apesar da pandemia e retração econômica mundial.

Tabela 3. Milho – Consumo mundial – safras 2019/20 e estimativas safra 2020/21(set. e out) (1.000t)

	2019/20	2020/21out.	Qtd. Abs	(%)
EUA	307,6	311,2	3,6	1,17
China	277,0	279,0	2,0	0,72
Brasil	69,0	70,0	1,0	1,45
U.E.	81,4	87,0	5,6	6,87
Argentina	13,5	15,0	1,5	11,11
Outros	383,4	400,4	17,0	4,43
Mundo	1.131,9	1.162,6	30,7	2,71

⁽¹⁾USDA. 9 October 2020, Global Market Analysis. Foreign Agricultural Service.

Fonte: USDA ⁽¹⁾, relatório outubro. <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulars/grain>.

O ano de 2020 está sendo marcado por um comportamento incomum do mercado, com preços alcançando recordes sucessivos. Além da pandemia, outros fatores e incertezas levam a esse cenário:

- O tamanho real da safra Americana: as estimativas do USDA mudam a cada mês;
- Qual o tamanho do mercado chinês para o milho? A China teve problemas em sua safra, importando mais o cereal. No entanto, ainda mantém estoques próximos de 200 MT;
- Atraso do plantio da soja no Brasil e possível impacto na segunda safra de milho;
- Clima na Argentina⁴ e quebra de safra na Ucrânia;
- Os preços podem até sofrer oscilações para baixo, mas pontuais, devendo se manter elevados no médio prazo.

⁴ A falta de umidade do solo e frio estão atrasando o plantio do milho na Argentina nas províncias de Córdoba e Santa Fe. Semeando de 20,8% da projeção atual de semeadura para a campanha 2020/21, estimativa de 6.300.000 Ha. Esta área representa em números absoluto, 200.000 hectares a menos que o implantado na campanha anterior (Campanha 2019/20: 6,5 MHa)^(*).

^(*)Panorama agrícola semanal, PAS. 8 de out. 2020. <https://www.bolsadecereales.com>

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

No mês setembro, os preços da soja em Santa Catarina apresentaram reação de 9,2% frente a agosto. Nos últimos doze meses, a alta foi de 40,79%. Em Mato Grosso, o aumento foi de 8,05% em relação ao mês anterior, comportamento atípico quando se visualiza o histórico do produto. Os preços no mercado interno seguiram em alta ao longo de setembro, operando nas máximas nominais e ultrapassando os recordes reais (Figura 1). Os preços praticados no Mato Grosso (MT) estão maiores que os do Sul do Brasil. No MT, em setembro foi de R\$130,84/sc, enquanto em Santa Catarina registrou R\$126,00. O mercado se encontra sem padrão de referência. Em 15 de outubro, o preço ao produtor estava em R\$145,00/sc⁵. Baixos estoques e pouca disponibilidade de soja torna mercado especulativo.

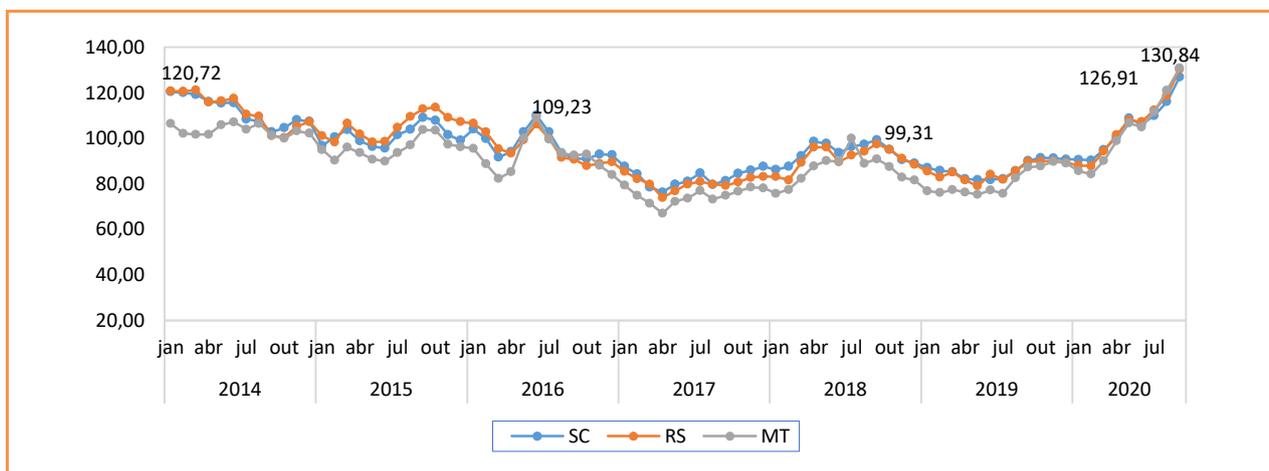


Figura 1. Soja em grão – Preço médio mensal ao produtor – Santa Catarina, Mato Grosso e Rio Grande do Sul – Jan./2014 a set./2020 (corrigido IGP-DI, base set/2020)

Fonte: Epagri/Cepa (setembro/2020); Deral – PR e Agrolink (MT).

Fatores que influenciaram os preços em setembro e início de outubro de 2020:

- os preços estão sendo impulsionados pela valorização externa (devido à redução da produção nos Estados Unidos), pela elevação dos prêmios de exportação (que reflete no baixo excedente interno) e pelas firmes demandas doméstica e internacionais;
- o mercado internacional está fortemente aquecido, refletindo nos preços das commodities;
- de acordo com o relatório de outubro da USDA², a previsão de produção de soja nos Estados Unidos reduziu em 1,07 milhão de tonelada (MT), passando para uma produção total estimada de 116,6 MT, em função de problemas climáticos;
- a dinâmica relacionada com a alta de preços de meados de agosto a meados de setembro é complexa, mas reflete basicamente uma recuperação nas compras de soja dos EUA pela China e a limitada disponibilidade de suprimentos exportáveis na América do Sul (Brasil e Argentina);

⁵ <https://cepa.epagri.sc.gov.br/index.php/produtos/mercado-agricola/Precos-agricolas-diario-Outubro-2020/>

- a recuperação da indústria de carne suína chinesa (afetada em função da ocorrência da peste suína africana) estimulou as importações em 2020, com aumento de 8,4 milhões de toneladas (15%) nos primeiros 8 meses em comparação ao ano anterior. A maior parte dessas compras foram do Brasil, cujas exportações para todos os mercados (janeiro a setembro) aumentaram 30%, volume recorde de 79,2 milhões toneladas, e
- o Brasil importou, até setembro, cerca de 528 mil toneladas (MDIC – Comexstat, out/2020), alcançando o nível mais alto desde 2013, devendo, até fim de ano, bater recordes de importações da oleaginosa.

Bolsa Chicago

Os preços da soja na Bolsa de Chicago chegaram a US\$10,00/bu em meados de setembro, chegando a US\$10,44/bu em 18 de setembro, caindo para um pouco abaixo de US\$10,00 no final do mês. Posteriormente, os preços subiram novamente para perto de US\$10,50/bu, com o lançamento do relatório de estoque de grãos de setembro (USDA) e maior força da exportação, em especial para China. Em 14 de outubro, nos contrato para março/21 os preços fecharam em US\$10,42/bu. Esta é a primeira vez, desde o início de junho de 2018⁶, que contratos futuros de soja de curto prazo atingiram US\$10,00.

Safra nacional 2020/21

A expectativa para a safra 2020/21 é de incremento de 2,5% na área plantada em, comparação à safra anterior, atingindo 37,9 milhões de hectares. O semeio da soja foi liberado, em setembro, em várias regiões brasileiras. A maior parte dos produtores estava cautelosa, aguardando chuvas para avançar com os trabalhos de campo. Aproveitaram para efetivar contratos antecipados. Dados apontam que, até o final de setembro, cerca de 60% da oferta esperada para a safra 2020/21 já havia sido comercializada no Brasil. Isto acende um sinal de alerta em relação ao abastecimento interno no Brasil em 2021, com suprimento ajustado. O volume estimado a ser produzido para a safra 2020/21 é de 133,67 milhões de toneladas, com um aumento de área previsto de 2,5%, ou seja, 37,88 milhões de hectares a serem plantados. O aumento na área plantada é motivado pela elevada rentabilidade obtida pelo produtor em 2020 e à expectativa de sustentação de preços em 2021⁷. O consumo doméstico deverá se manter elevado, devido a recuperação da economia brasileira em 2021, aumento da produção de carnes para exportação e do uso de soja na composição do biodiesel, que deverá seguir a programação de 12% (B12) para 13% (B13). Dessa maneira, espera-se preços elevados no mercado interno em 2021.

Safra catarinense 2020/21

A área de cultivo de soja vem evoluindo sistematicamente no Brasil, e em Santa Catarina não é diferente. As regiões que mais cultivam soja no estado são: Canoinhas (21%), Xanxerê (21%) e Curitiba/Novos (17%).

Na safra 2012/2013, foram cultivados cerca de 518 mil hectares, enquanto que para a próxima safra a estimativa inicial aponta para o cultivo em 678 mil hectares, incorporação de 160 mil hectares no período, com taxa de crescimento em 5% ao ano período. A liquidez e a forte demanda do mercado internacional, em especial pela China, estimulam o avanço do cultivo (Infoagro, 2020⁸). A estimativa inicial neste ano se refere a safra de verão, mas, computada a segunda safra, com área superior a 20 mil hectares, a estimativa total deverá chegar a 700 mil hectares na safra 2020/2021.

⁶ Oilseeds: World Markets and Trade. Forin Agricultural Service. USDA. October, 2020.

⁷ Conab | acompanhamento da safra brasileira de grãos | v. 8 – safra 2020/21, n. 1 – primeiro levantamento | outubro 2020.

⁸ <https://www.infoagro.sc.gov.br/>



Figura 2. Soja – Santa Catarina: evolução da área cultivada (ha) e produção – Safras 2012/2013 a 2020/21 (ha)
Fonte: Sistema de acompanhamento de Safra Epagri/Cepa, outubro/2020.

Acompanhamento safra

A evolução do plantio da soja no estado inicia mais significativamente em outubro, janela mais adequada para plantio, conforme o zoneamento agroclimático. A região Oeste já registra de 20-24% da área semeada (Figura 2). No estado, cerca de 5% da área estimada já foi semeada. Com as chuvas no início de outubro se intensificam os trabalhos de plantio.

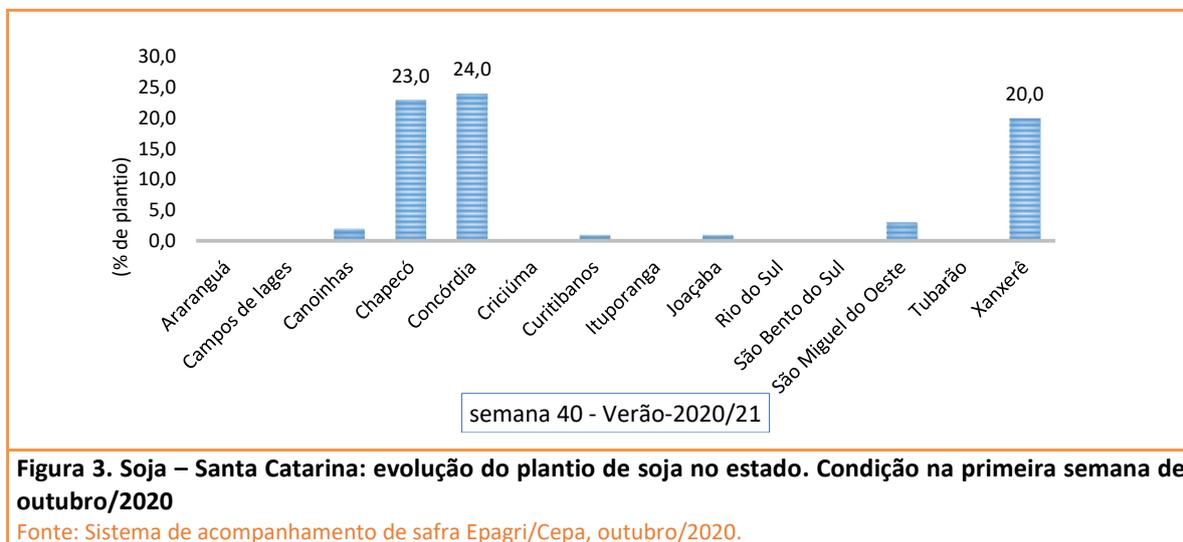


Figura 3. Soja – Santa Catarina: evolução do plantio de soja no estado. Condição na primeira semana de outubro/2020

Fonte: Sistema de acompanhamento de safra Epagri/Cepa, outubro/2020.

Registro da situação da safra na segunda semana de outubro nas diferentes regiões do estado⁹:

- **Região Oeste:** Os plantios começam a se intensificar após os últimos registros de precipitação, porém com volume entre 16 a 32 mm na região, levando os produtores a aguardar mais chuvas para os próximos dias..

⁹ Relatos dos agentes de mercado - sistema de acompanhamento de safra. Epagri/Cepa.

Os plantios ocorridos na semana anterior estão germinando de forma irregular, com necessidade de replantios em pequenas áreas. Os plantios começaram a aumentar significativamente pela melhora das condições.

- **Região do Planalto Norte:** (Canoinhas/Mafra): início da semeadura . Os trabalhos devem se intensificar a partir do dia 15 de outubro. As áreas plantadas anteriormente estão com boa germinação (bom stand). Sem ocorrências de eventos climáticos que possam ter prejudicado as áreas semeadas.

- **Região Planalto sul:** Curitiba/Campos Novos/Campos de Lages: Clima seco na região. O produtor se programou para plantar na expectativa da chuva prevista, mas que não ocorreu. A maioria dos campos de cultivos não oferece umidade para plantio. Não há prejuízos por conta disso, a menos que a situação continue, atrasando o plantio de forma generalizada. O produtor aguarda chuvas mais significativas. Com o maquinário disponível, em poucos dias o calendário de plantio se normaliza. Na região de Lages os plantios ainda não iniciaram.

- **Sul do Estado:** aproveitando as condições favoráveis com relação ao clima e solo, os produtores iniciaram o semeio das primeiras áreas na região;

- **Alto Vale do Itajaí** (Rio do Sul e Ituporanga): Iniciando o plantio na região, que deve ser intensificada nas próximas semanas;

- **Meio Oeste** (Joaçaba, Videira e Caçador): plantio em andamento, porém deverá atrasar devido a falta de precipitação.

Produção mundial

A estimativa para a produção de soja nos EUA em outubro foi diminuída em 1,15 milhão de tonelada na passagem do mês (set/out). No entanto, a produção estimada no atual relatório sinaliza para um aumento de 20,16% da atual safra 20/21 em relação a anterior, ou seja, 19,5 milhões de toneladas (MT) a mais¹⁰;

O USDA manteve inalterada as projeções para a colheita da oleaginosa na safra 2020/21 na Argentina, no Brasil e na China.

O Brasil se mantém como líder na produção mundial do grão. No entanto, a safra atual não inicia bem em termos de condições climáticas. A falta de chuvas já causa atraso no plantio em algumas regiões.

A produção global é estimada em 9,46% superior a safra passada, o que em termos absolutos representa 31,8 MT. A China, em função de problemas climáticos, tem o indicativo de variação negativa da produção em 3,31% frente a safra anterior. Em função disto entra de maneira mais forte na importação do cereal neste ano.

Figura 2. Soja – Produção mundial: estimativa da produção de soja dos principais países produtores (mil toneladas)

	2019/20	2020/21 ⁽¹⁾	Qtde. absoluta	Variação (%)
Brasil	126,0	133,0	7,0	5,56
EUA	96,7	116,2	19,5	20,16
Argentina	49,0	53,5	4,5	9,18
China	18,1	17,5	-0,6	-3,31
Outros	46,8	48,3	1,5	3,20
Mundo	336,6	368,5	31,86	9,46

⁽¹⁾Relatório USDA, outubro/2020.

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mês de setembro, os preços do trigo permanecerem em alta em Santa Catarina. A baixa disponibilidade de produto para venda no mercado interno e a expectativa quanto à confirmação dos percentuais de perdas decorrentes das geadas ocorridas em agosto, tem sustentado essa alta. Na últimas semana, compradores passaram a ofertar melhores preços, na expectativa de estimular produtores e cooperativas a disponibilizar maiores volumes para venda.

Com a colheita iniciada no estado, a saca de 60kg do cereal apresentou valorização de 5,12%, com a média mensal de setembro em R\$60,20, contra R\$57,27 do mês anterior. No Paraná, alta de 7,65%, passando de R\$57,64 para R\$62,05. Já no Rio Grande do Sul, a média mensal valorizou 2,71%, passando de R\$56,89 em agosto para R\$58,43 em setembro. Em muitas regiões produtoras do estado, o baixo volume de chuvas observado em setembro manteve produtores atentos em relação à possíveis perdas na qualidade do produto colhido. Com isso, muitos preferiram segurar a produção, na expectativa de conseguir melhores ofertas num cenário de maior valorização do trigo.

No cenário internacional, o relatório de outubro do USDA aponta para uma elevação na produção da safra 2020/21, com previsão de uma produção mundial de 773,1 milhões de toneladas, crescimento de 1,12% em relação à safra 2019/20. Merece destaque o bom desempenho das safras na Austrália, Canadá e União Europeia. O relatório destaca, ainda, que a demanda mundial e os preços deverão seguir de maneira sustentada. A estiagem prolongada na Argentina e na União Europeia sustentou dos preços nos atuais patamares. Ao mesmo tempo, projeções de safras maiores para Canadá, Austrália e, possivelmente, Rússia, inibiram movimento mais ascendente dos preços.

Tabela 1. Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor – R\$/saca de 60kg

Estado	Set./20	Ago./20	Variação mensal (%)	Set./19	Variação anual (%)
Santa Catarina	60,20	57,27	5,12	43,41	38,7
Paraná	62,05	57,64	7,65	46,24	34,2
Mato Grosso do Sul	61,14	57,50	6,33	46,63	31,1
Goiás	72,14	72,75	-0,84	51,00	41,5
Rio Grande do Sul	58,43	56,89	2,71	41,45	41,0

Nota: Trigo Pão PH78.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, GO e RS), outubro, 2020.

Em relação ao mercado de farinhas, dados do Cepea-Esalq/USP do mês de setembro demonstram que houve poucas negociações, com compradores aguardando a entrada de produto da nova safra. Mesmo assim, para a maioria das farinhas houve queda nos preços. As farinhas destinadas à bolacha doce, massas frescas, massas em geral, pré-mistura e integral desvalorizaram 2,4%, 2,2%, 2%, 1,7% e 1,4%, respectivamente. Por outro lado, para as farinhas para bolacha salgada e panificação tiveram valorização de 1% e 0,5%, respectivamente. Já o farelo de trigo, puxado pela alta valorização do milho, sofreu elevação expressiva de preços: 7% para o ensacado e de 6,5% para o a granel.

Safra

A safra catarinenses de trigo chega ao final de setembro com cerca de 10% da área colhida. Em todo estado, as condições das lavouras são consideradas boas em cerca de 91% da área plantada, restando 7% em condição média e 2% em condição ruim. O clima adverso durante o mês de agosto, com a ocorrência de geadas e frio intenso, prejudicaram significativamente muitas lavouras, sobretudo na região do Extremo Oeste do estado, onde as lavouras estavam em fase de florescimento. Nas demais regiões do estado, a grande maioria das lavouras se encontrava em fase vegetativa.

Em setembro, o problema foi a falta de chuvas, que prejudicou a fase de enchimento de grãos, aspecto que provavelmente deverá reduzir a produtividade média de muitas lavouras. Há relatos de produtores com produto colhido com pH75, abaixo do produto de referência, que é pH78. Apesar disso, até o momento os rendimentos médios nas regiões mais afetadas pelo clima adverso são superiores aos obtidas na safra passada.

As microrregiões mais adiantadas na colheita são: São Miguel do Oeste, Chapecó, Concórdia e Xanxerê, com 25%, 26% e 24% da área colhida, respectivamente. Na região de São Miguel do Oeste a cultura vem sendo fortemente afetada pela estiagem, que tem provocado a morte das plantas. Em algumas lavouras, as plantas de trigo estão morrendo antes mesmo de terminar seu ciclo. Já na região de Chapecó, as operações de colheita estão acontecendo normalmente. Os rendimentos estão sendo considerados bons, mas com baixo pH.

Na microrregião de Canoinhas, as lavouras se encontram em fase de enchimento de grãos e com potencial para alta produtividade. A colheita é prevista para o final de outubro e início de novembro. Na microrregião de Curitibaanos, da qual faz parte o município de Campos Novos, as lavouras estão com excelente desempenho agrônomo, em fase final de floração e enchimento de grão. Nas demais regiões produtoras, não há relatos de problemas no desenvolvimento das lavouras e a tendência é que as produtividades estimadas se confirmem.

Quanto às estimativas atuais, neste mês foram ajustados, para cima, todos os parâmetros acompanhados. É esperado um aumento na área plantada de 14% em relação à safra passada. Já para a produtividade média, é estimada alta de 11%. Como resultado, estima-se que deverão se colhidas aproximadamente 195mil toneladas, produção 26,6% superior à obtida na safra 2019/20.

Tabela 2. Trigo grão – Comparativo entre as safras 2019/20 e 2020/21

Microrregião	Safra 2019/20			Estimativa Safra 2020/21			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	924	2.158	2.335	1.354	3.240	2.393	47	50	2
Canoinhas	9.500	35.419	3.728	13.000	48.408	3.724	37	37	0
Chapecó	11.584	34.323	2.963	12.503	38.204	3.056	8	11	3
Concórdia	706	1.985	2.812	781	2.187	2.800	11	10	0
Curitibaanos	7.301	23.268	3.187	9.040	40.325	4.461	24	73	40
Ituporanga	840	2.078	2.474	780	1.889	2.421	-7	-9	-2
Joaçaba	3.848	10.939	2.843	4.126	14.324	3.472	7	31	22
Rio do Sul	200	485	2.425	250	605	2.420	25	25	0
São Bento do Sul	500	1.710	3.420	600	2.088	3.480	20	22	2
São Miguel do Oeste	3.748	8.100	2.161	4.523	11.265	2.491	21	39	15
Xanxerê	11.650	34.309	2.945	10.901	32.469	2.979	-6	-5	1
Santa Catarina	50.801	154.774	3.047	57.858	195.004	3.370	14	26	11

Fonte: Epagri/Cepa, outubro, 2020.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandiguigel@epagri.sc.gov.br

Embora com poucas chuvas nas regiões produtoras de alho em Santa Catarina em setembro, os produtores estão conseguindo manter as condições de umidade no solo com uso da irrigação. Esta prática, porém, aumenta o custo de produção.

Além de precipitações baixas no mês de setembro, o estado foi marcado com a ocorrência de eventos climáticos extremos, como ciclone bomba e ocorrência de chuva de granizo nos meses de julho e agosto, que afetaram algumas regiões e lavouras da cultura, especialmente na região de Curitiba.

As lavouras afetadas por granizo tiveram perdas da área foliar em período crítico de desenvolvimento, devendo refletir na redução da produção, com a formação de bulbos de menor calibre, e até mesmo provocar outras perdas e problemas, como o super brotamento.

Por outro lado, os indicadores da atual safra refletem os bons resultados que os produtores obtiveram na safra 2019/20. A boa produção e preços acima dos custos de produção recuperaram parte das perdas econômicas de safras anteriores. Como consequência, ocorreu crescimento na área plantada em Santa Catarina, alcançando 1.993ha, ou 8,85% em relação à safra passada, segundo monitoramento da Epagri/Cepa.

Preço

Em setembro, o preço do alho praticamente se manteve no mesmo patamar do mês de agosto, indicando, de certa forma, estabilidade e propiciando recuperação da vertiginosa redução ocorrida no mês de julho.

No mercado atacadista da CEAGESP, unidade do município de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional, classe 5, foi comercializado na primeira semana de setembro a R\$15,28/kg, fechando o mês com preço de R\$14,81/kg, redução de 3,07% no mês.

O alho classe 6, no mesmo período, passou de R\$17,73/kg para R\$16,62/kg, redução de 6,26%, e o alho classe 7 fechou setembro a R\$19,09/kg, aumento de 1,97% em relação ao início do mês.

Na primeira semana de outubro, os preços, para todas as classes do alho roxo nacional, tiveram pequena redução em relação ao final de setembro, sendo de 1,21% para o alho classe 5, 1,38% para o alho classe 6, e 1,29% para o alho classe 7.

No caso do alho chinês, o preço no atacado, em setembro, oscilou entre R\$13,50/kg e R\$14,25/kg em grande parte do mês, porém fechou a R\$13,75/kg no dia 30. No dia 09 de outubro, o preço era R\$14,00/kg, significando 1% de aumento em relação ao final de setembro.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, o alho nobre nacional, classes 4 e 5, que foi comercializado em agosto a R\$13,00/kg, o preço reagiu e fechou o mês de setembro a R\$14,00/kg, aumento de 7,14%.

Situação semelhante ocorreu com o alho classes 6 e 7, que finalizou o mês de agosto a R\$18,72/kg, atingiu R\$19,74/kg no final de setembro, aumento de 10,12%.

Produção

A safra catarinense de alho está em desenvolvimento vegetativo, com 85% da área plantada em fase de formação dos bulbos. As condições das lavouras são consideradas boas em 83,57% da área plantada, ou seja, em 1.530ha, onde a cultura não foi atingida por granizo. Em 13,16% da área plantada, 241ha, a condição das lavouras é considerada média, em função de terem sido afetadas por chuva de granizo, e, por fim, em 60 ha, 3,27% da área plantada, as perdas foram mais severas e a condição das lavouras é considerada ruim. As lavouras mais afetadas estão localizadas na região de Joaçaba.

Nas lavouras que não foram afetadas pela ocorrência de granizo, o desenvolvimento da cultura é considerado normal e com expectativa de boa produção, produtividade e qualidade do alho. Esta condição, apesar da necessidade de irrigação, está sendo propiciada pelas baixas precipitações, estabelecendo um ambiente com menor teor de umidade, que favorece o desenvolvimento vegetativo das plantas com boas condições fitossanitárias.

Outro fator importante é a disponibilidade de água. Os mananciais e reservatórios de se recuperaram e há disponibilidade de água para manter as lavouras em boas condições de campo. Esta condição permite aos produtores manejar com mais tranquilidade as necessidades hídricas da cultura.

Comércio exterior

Em setembro, a China manteve a posição de maior fornecedora de alho, inclusive ampliando sua participação, seguida pelo Egito e Espanha.

Como pode ser observado na Tabela 1, nos meses de junho, julho e agosto as importações foram crescentes e acima dos volumes médios mensais dos últimos quatro anos. Porém, nos meses de agosto e setembro os volumes foram menores, sinalizando possível tendência de permanência dentro das médias mensais históricas no restante do ano. De qualquer maneira, neste ano o volume de importações de alho deverá ser maior que os volumes anuais de 2017, 2018 e 2019 (Tabela 1).

Até o mês de setembro deste ano, o Brasil internalizou 153,32 mil toneladas do produto, enquanto no mesmo período do ano passado o volume foi de 125,9 mil toneladas, crescimento de 21,78% (Tabela 1).

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de jan./2017 a ago./2020 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,81
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,43
2020	20,43	15,07	16,36	14,57	16,69	18,92	23,33	15,93	12,02	-	-	-	153,32

Fonte: Comexstat/ME: outubro/2020.

O preço médio (FOB) do alho importado em setembro foi um pouco superior ao de setembro, porém ficando ainda muito abaixo dos patamares de jan/19 a a jul/20. Em relação ao mês passado, o aumento foi de 8%, passando de US\$0,75/kg, para US\$ 0,81/kg (Figura 1).



Figura 1. Alho – Brasil: evolução do preço médio (FOB) de importação – 2019 a ago./2020 (US\$/kg)
Fonte: ComexStat/ME: outubro/2020.

Na Figura 2 é apresentada a evolução da quantidade de alho internalizada pelo Brasil e o desembolso mensal de janeiro de 2019 a setembro de 2020. Destaca-se a queda vertiginosa do preço do produto no mercado internacional nos últimos meses, apesar da pequena reação de setembro.

Em setembro, o volume total importado foi de 12,02 mil toneladas, redução de 24,10% no volume em relação a agosto. Comparado com setembro de 2019, quando a importação foi de 7,78 mil toneladas, o crescimento é de 54,49%.

O desembolso com a importação no mês de setembro foi de US\$9,68 milhões (FOB), redução de 18,72% em relação a agosto, puxado pelo menor volume importado. (Figura 2).

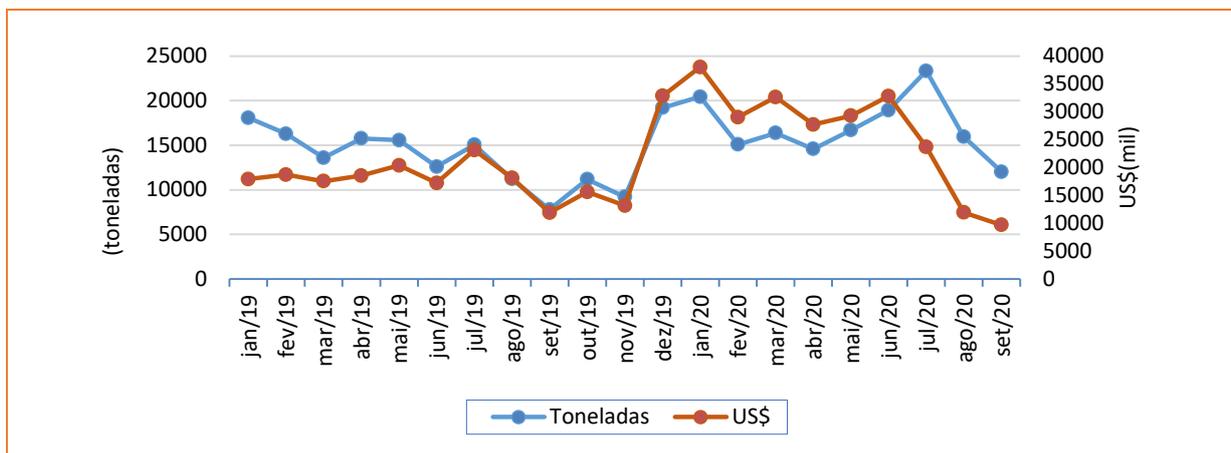


Figura 2. Alho – Brasil: volume e valores da importação de jan./2019 a ago./2020
Fonte: ComexStat/ME: outubro/2020.

Em setembro, os principais fornecedores de alho para o Brasil foram a China, com 11,17 mil toneladas, representando 92,93% do total importado, o Egito, com 0,50 mil toneladas, significando 4,16%, e Espanha, com 0,34 mil toneladas, ou 2,82% do total (Figura 3).

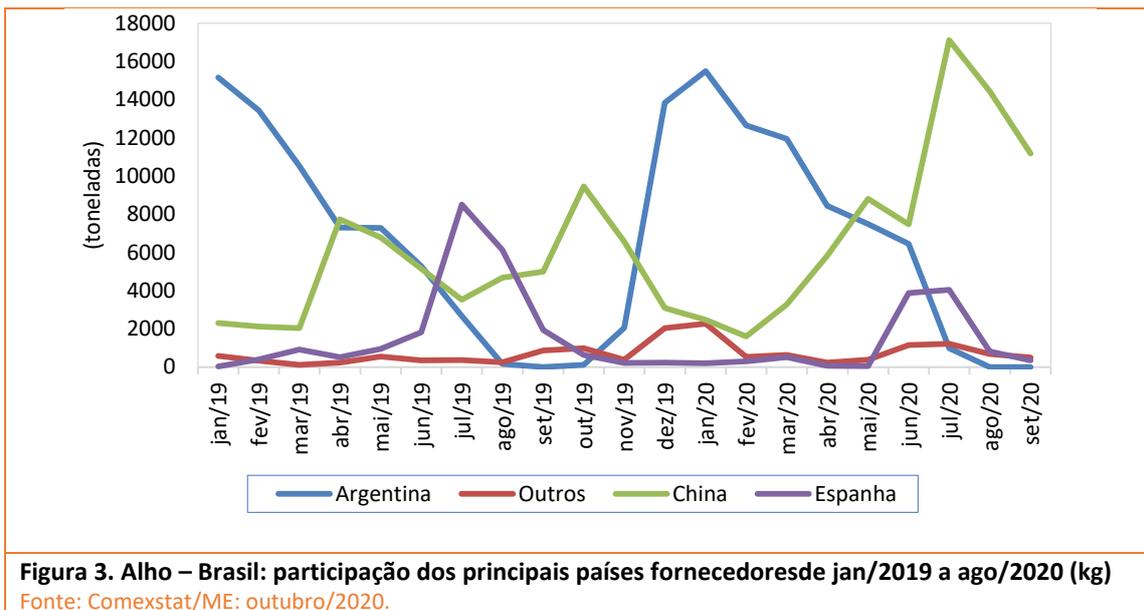


Figura 3. Alho – Brasil: participação dos principais países fornecedores de jan/2019 a ago/2020 (kg)
Fonte: Comexstat/ME: outubro/2020.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

O estado de Santa Catarina foi afetado por diferentes eventos climáticos extremos nos meses de julho e agosto, porém sem maiores impactos na cultura da cebola. O mês de setembro teve precipitações abaixo do esperado para o período, obrigando os produtores a utilizar a irrigação para manter a cultura em boas condições de desenvolvimento, com evidente aumento no custo de produção. Já o mês de outubro iniciou com a ocorrência de granizo nas regiões de Rio do Sul e Ituporanga. Os prejuízos na cultura ainda não foram quantificados. As perdas, embora localizadas, foram de leves a severas, especialmente no município de Aurora, que possui mais de 1.400ha de área plantada.

Preços e Mercado

Em setembro, com o final da safra de São Paulo na região dos municípios de Monte Alto e São José do Rio Pardo, o mercado reagiu positivamente, devido a menor oferta da hortaliça. A menor disponibilidade ocorreu, dentre outras questões, pela antecipação para julho do início da comercialização da hortaliça na região do Cerrado (Minas Gerais e Goiás), cujos preços estavam bem favoráveis aos produtores daquela região. A partir da segunda semana do mês a oferta aumentou e os preços tiveram redução de aproximadamente 14%, no Cerrado, com a cebola sendo comercializada entre R\$24,00 e R\$25,00/saca de 20 kg.

Embora o mercado tenha encerrado o mês de setembro com preços em baixa, na semana de 21 a 25 os preços reagiram positivamente em relação às semanas anteriores, chegando a R\$1,98/kg, preço pago ao produtor (MG e GO), segundo a Revista HF do CEPEA.

Na CEAGESP/SP, no início de setembro a cebola média nacional foi comercializada a R\$2,75/kg, passando para R\$2,39/kg no início da segunda quinzena e fechando o mês a R\$2,29/kg. Nas primeiras semanas de outubro, o preço manteve tendência de redução, chegando a R\$2,02/kg no dia 09, redução de 26,54% desde o início do mês.

No atacado da Ceasa/SC (Unidade de São José, SC), o mês de setembro iniciou com preço em alta, a R\$2,50/kg no dia 03/09, e R\$ 2,75/kg no dia 09/09.. No início da segunda quinzena os preços foram tendo gradativa redução, fechando o mês a R\$2,00/kg. A tendência de redução de preços se manteve no início de outubro com cotação de R\$1,75/kg no dia 13/10.

Safra catarinense

A safra catarinense de cebola está em pleno desenvolvimento. O início da colheita das variedades superprecoces, cultivadas na Região do Alto Vale do Itajaí deverá ocorrer na segunda quinzena deste mês, conforme o monitoramento de safras da Epagri/Cepa.

Em Santa Catarina, a ocorrência de eventos climáticos extremos nos meses de julho e agosto atingiu, também, as regiões produtoras de cebola, porém sem maiores prejuízos. No início do mês, a região do Alto Vale do Itajaí foi afetada por chuva de granizo, com prejuízos significativos em alguns municípios, particularmente em Aurora, onde ocorreram as maiores perdas, que ainda estão sendo apuradas. Estima-se que aproximadamente 900ha, cerca de 5% da área plantada no estado, foram atingidos por granizo, com diferentes níveis de perdas, desde pequenas até severas.

Por outro lado, mesmo com poucas chuvas em setembro, os mananciais e reservatórios de água estão possibilitando aos produtores irrigarem as lavouras, visando manter as condições de umidade do solo para um bom desenvolvimento das plantas, que, salvo os problemas afetos ao granizo, se desenvolvem em boas condições, devendo resultar em uma safra de boa qualidade de bulbos.

Importação

Em setembro, foram importadas apenas 555,58 toneladas de cebola, redução de 59,28% em relação ao mês de agosto, com desembolso total de US\$0,22 milhão (FOB).

Em comparação com setembro de 2019, quando as importações somaram 21.211 toneladas, a redução é de 97,38% (Figura 1). Embora tenha ocorrido redução de 20% no preço de setembro em relação a agosto, o valor é praticamente o dobro do valor médio por kg, que até julho era de aproximadamente US\$0,21/kg, passando para US\$0,50/kg em agosto, ficando em US\$0,40/kg em setembro.

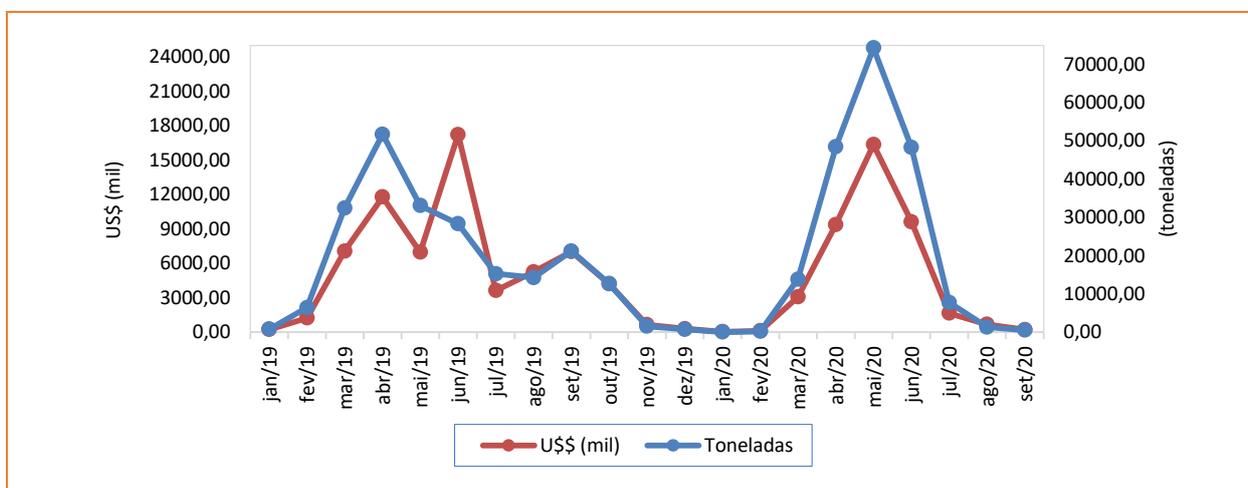


Figura 1. Cebola – Brasil: importação mensal de jan/2019 a set/2020

Fonte: Comexstat/ME – outubro/2020.

No mês passado, os fornecedores foram Espanha, Holanda e Nova Zelândia, com a Espanha fornecendo 358,5 toneladas, ou 64,53% do total, a Holanda 145,00 toneladas, 26,10%, e a Nova Zelândia 9,36 toneladas, ou 1,69% do total (Figura 2).

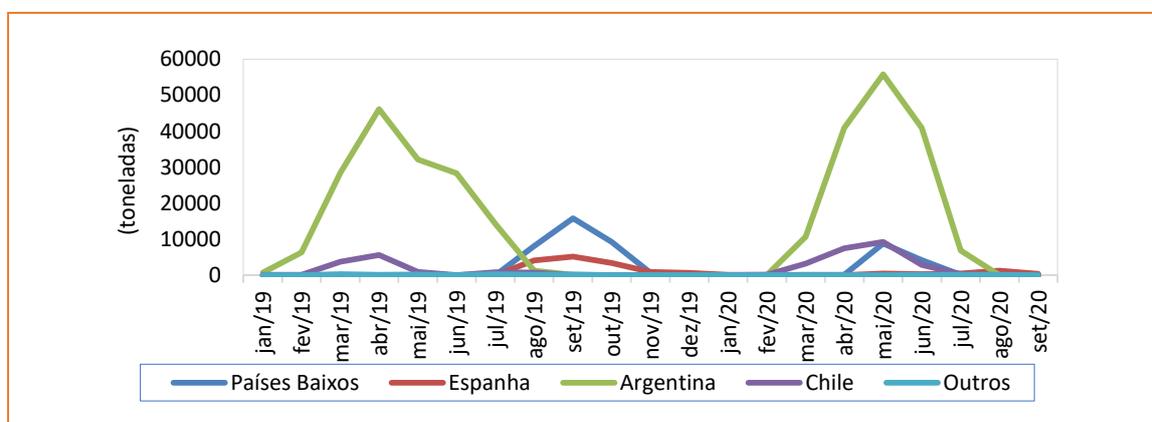


Figura 2. Cebola – Brasil: volume importado dos principais países fornecedores – jan/2019 a set/2020

Fonte: Comexstat/ME – outubro/2020.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Na primeira quinzena de outubro predominaram as variações positivas nos preços do frango vivo em alguns dos principais estados produtores. Em relação a setembro, observam-se altas de 4,0% no Paraná, 2,3% em São Paulo e 0,6% em Santa Catarina.

Na comparação com os preços praticados em outubro de 2019, também registram-se variações positivas: 29,7% no Paraná e 17,8% em Santa Catarina¹¹. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de **3,1%**, de acordo com o IPCA/IBGE.

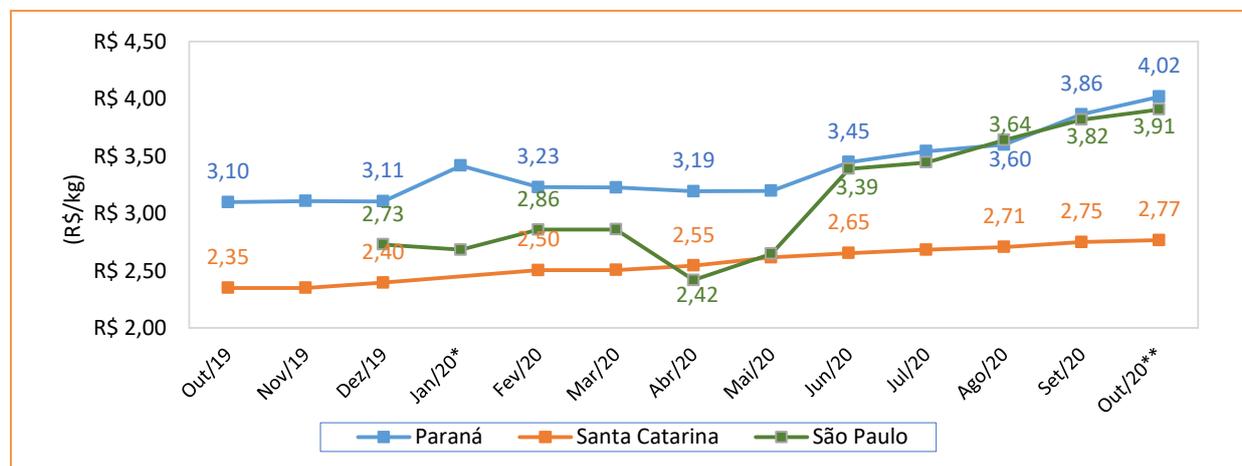


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina, Paraná e São Paulo: preço médio mensal aos avicultores (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Preço de janeiro/2020 de Santa Catarina não disponível.

** Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/out./2020.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); SEAB (PR); IEA (SP).

Apesar de alguns resultados negativos nas exportações ao longo dos últimos meses, como veremos adiante, os preços ao produtor mantiveram a tendência de alta, conforme demonstrado na Figura 1. Isso se deve, em grande parte, à crescente demanda pela carne de frango no mercado interno. Em função da crise econômica e dos expressivos aumentos nos preços das demais carnes, parcela significativa dos consumidores busca alternativas mais baratas, como é o caso do frango, o que tem mantido a demanda aquecida. Essa situação deve se manter ou, até mesmo, se acentuar nos próximos meses.

É importante destacar que a redução no alojamento de aves na maioria dos estados também contribuiu para manter a tendência apresentada anteriormente.

Das três praças de levantamento de preços em Santa Catarina, duas registraram alta na primeira quinzena de outubro em relação ao mês anterior: 1,5% em Chapecó e 0,2% no Sul Catarinense. O preço de Joaçaba permaneceu inalterado no período. Na comparação com os preços praticados em outubro de 2019, as variações são significativas em todas as praças: 27,3% em Chapecó, 17,4% no Sul Catarinense e 8,5% em Joaçaba.

¹¹ Não há dados de São Paulo disponíveis para o mês de outubro/2019.

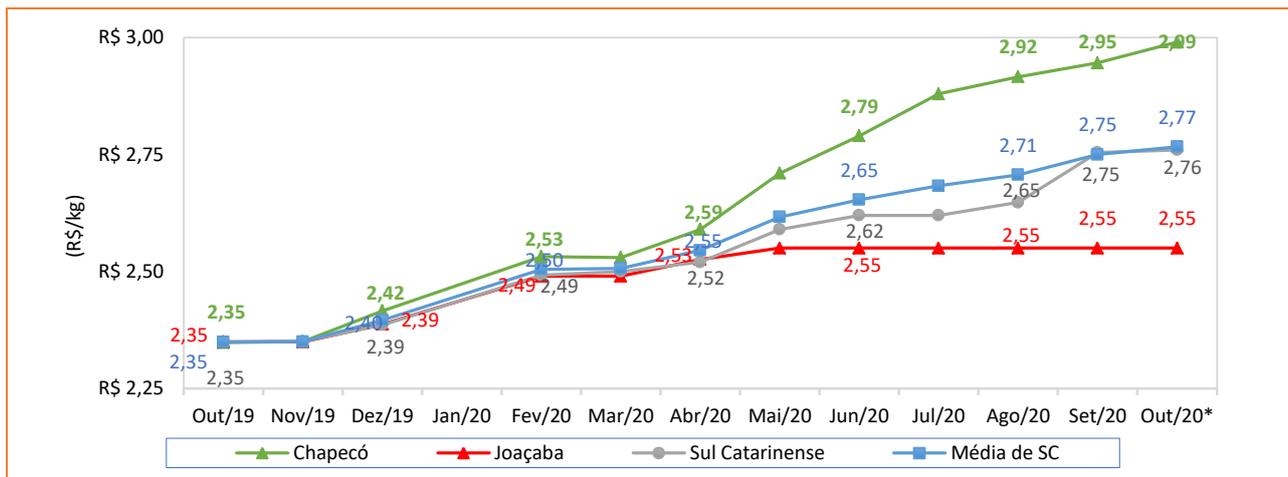


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ pago ao produtor nas principais praças do estado (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/out./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Na primeira quinzena de outubro registraram-se altas nos preços de atacado de todos os quatro cortes acompanhados pela Epagri/Cepa, quando comparados ao mês anterior: frango inteiro congelado (9,2%), coxa/sobrecoxa congelada (6,8%), filé de peito congelado (3,9%) e peito com osso congelado (2,3%). A variação média foi de 5,5%, maior alta mensal do ano. Variações positivas nos preços de atacado da carne de frango vem sendo registradas desde julho.

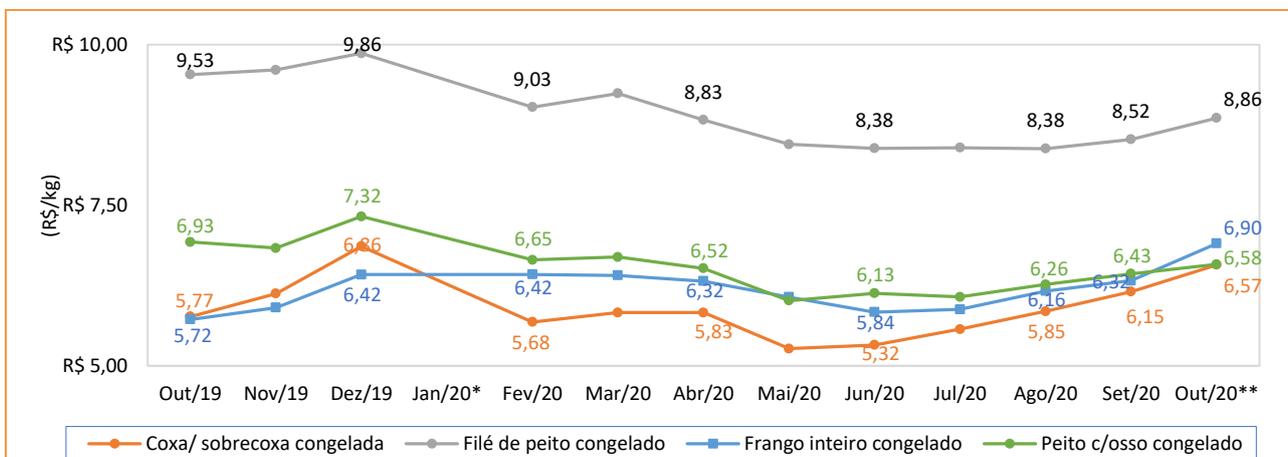


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Preços do mês de janeiro/2020 não disponíveis.

** Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/out./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Na comparação entre os valores preliminares de outubro e o mesmo mês de 2019, observam-se duas situações distintas: frango inteiro e coxa/sobrecoxa registraram altas no período (20,7% e 13,9%, respectivamente), enquanto peito com osso e filé de peito apresentaram quedas (-5,0% e -7,1%). Na média, a variação foi de 5,6%.

Custos

Em setembro, o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, apresentou alta de 6,9% em relação ao mês anterior. Considerando-se os últimos 12 meses, o índice acumula alta de 31,3%, decorrente, principalmente, da elevação dos custos com alimentação dos animais (26,9%).

Não obstante a tendência de alta nos preços do frango vivo observada ao longo de 2020, a relação de equivalência insumo-produto também registra altas significativas, especialmente no 2º semestre. Isso significa que a quantidade de frango vivo necessária para adquirir uma saca de milho no atacado tem aumentado nos últimos meses. O valor preliminar de outubro, por exemplo, apresenta alta de 5,8% em relação ao mês anterior, principalmente em função do aumento de 7,4% no preço do milho no atacado, parcialmente compensado pela alta de 1,5% na cotação do frango vivo, ambos na praça de Chapecó. O valor atual da relação de equivalência está 24,9% acima daquele registrado em outubro do ano passado.

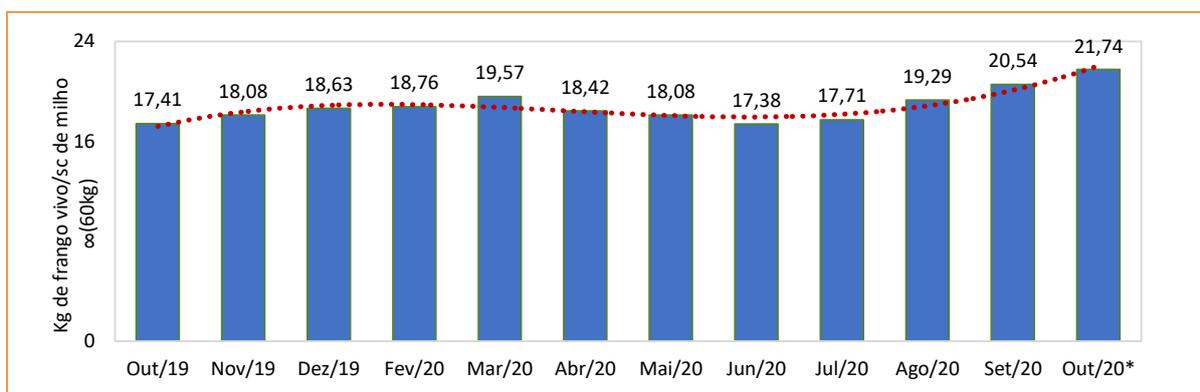


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho

Para cálculo da relação de equivalência insumo-produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2020.

* O valor de outubro é preliminar, relativo ao período de 1 a 15/out./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em setembro, o Brasil exportou **334,82 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), volume **5,9% abaixo** do mês anterior e **4,0% inferior** a setembro de 2019.

As receitas foram de **US\$ 469,38 milhões**, queda de **4,4%** em relação a agosto e de **18,9%** na comparação com setembro de 2019.

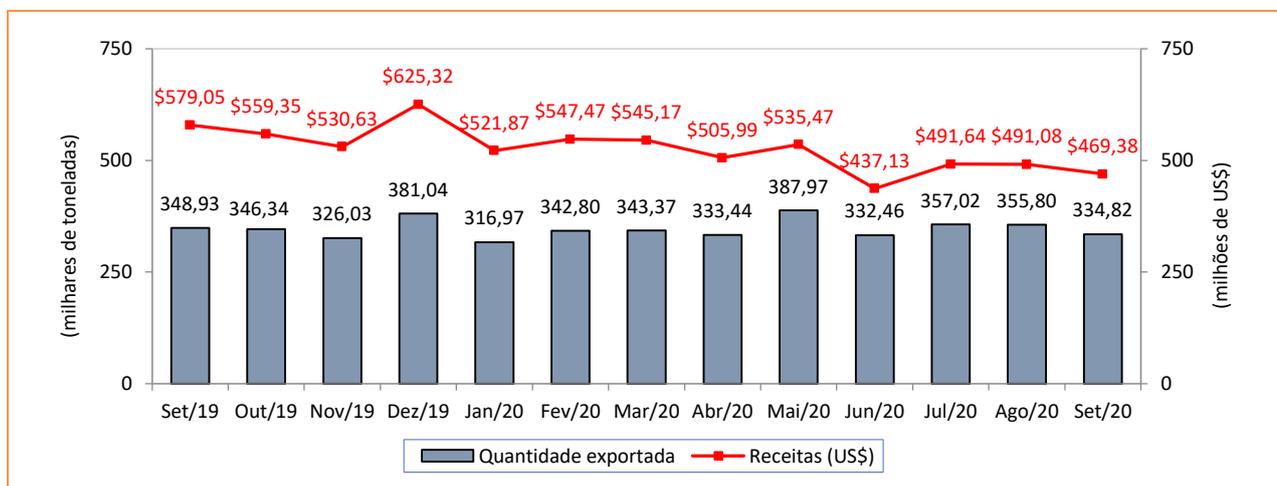


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

Nos nove meses iniciais de 2020, o Brasil exportou **3,10 milhões de toneladas** de carne de frango, com **US\$ 4,55 bilhões** em receitas. Na comparação com o mesmo período de 2019, registram-se **quedas de 0,5%** na quantidade e de **13,5%** nas receitas.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango neste ano são China, Japão, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Países Baixos, responsáveis por 54,7% das receitas do período.

Conforme demonstram os dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME), nas duas semanas iniciais de outubro (7 dias úteis), a média diária de embarques de carne de frango *in natura* apresentou alta de 4,7% em relação ao mês de outubro de 2019 em termos de quantidade, mas queda de 11,8% nas receitas.

Santa Catarina exportou **77,72 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada) em setembro, **-0,8%** em relação ao mês anterior e **-16,7%** na comparação com setembro de 2019.

As receitas, por sua vez, foram de **US\$ 116,66 milhões**, **queda de 0,5%** em relação ao mês anterior e de **27,9%** na comparação com setembro de 2019.

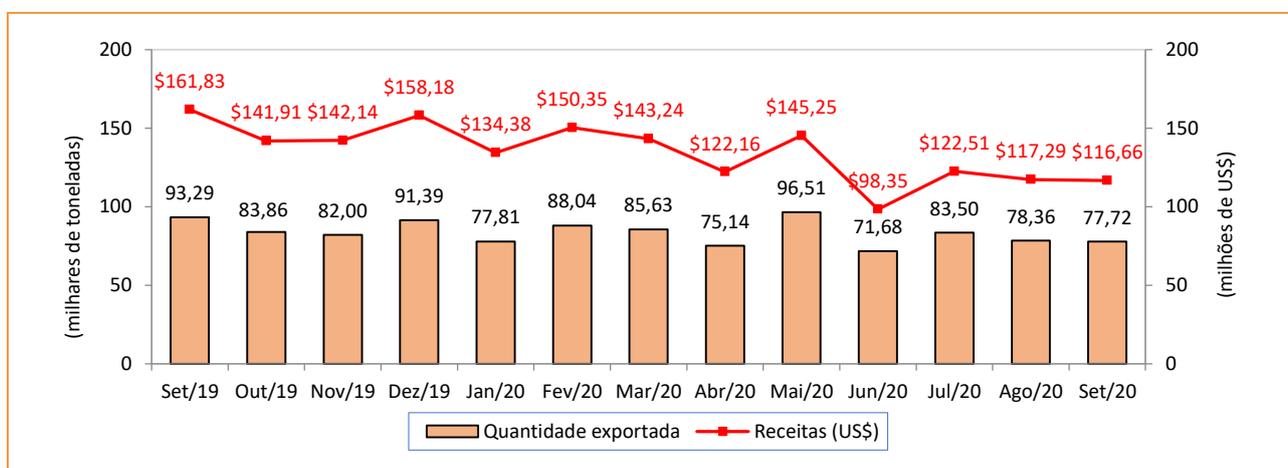


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada pelo estado em setembro foi de **US\$ 1.425/tonelada**, pequena queda em relação ao mês anterior (**-0,3%**) e **15,0% abaixo** do valor de setembro de 2019.

De janeiro a setembro, Santa Catarina exportou **734,39 mil toneladas** de carne de frango, com faturamento de **US\$ 1,15 bilhão**, **quedas de 27,5%** em quantidade e de **34,9%** em valor na comparação com o mesmo período de 2019. O estado foi responsável por **25,3%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango este ano.

A Tabela 1 apresenta os principais destinos do frango catarinense em 2020, os quais responderam por 57,7% do valor e 52,6% da quantidade exportada pelo estado no período.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan. a set./2020

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	187.285.572,00	113.618
China	167.911.005,00	92.241
Países Baixos (Holanda)	127.333.074,00	59.997
Arábia Saudita	93.883.008,00	64.060
Emirados Árabes Unidos	87.307.149,00	56.630
Demais países	486.463.853,00	347.842
Total	1.150.183.661,00	734.388

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos, somente o Egito apresentou variação positiva em relação ao mesmo período do ano passado: 29,1% em valor e 22,9% em quantidade. Os demais apresentaram quedas significativas nos embarques, com destaque para Japão (-33,7% em valor e -22,9% em quantidade), Arábia Saudita (-36,6% e -27,8%) e Emirados Árabes Unidos (-45,2% e -35,9%).

Na comparação entre setembro e o mesmo mês de 2019, destaca-se o aumento das exportações para os Países Baixos (79,7% em valor e 71,0% em quantidade), principal destino da carne de frango catarinense no mês passado. Por outro lado, Japão e China registraram variações fortemente negativas nesse mesmo período, especialmente em termos de receitas: -48,0% e -46,5%, respectivamente.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Na primeira quinzena de outubro, os preços do boi gordo novamente apresentaram altas em relação ao mês anterior em todos os oito estados analisados no presente boletim: 6,4% em Mato Grosso, 4,4% em São Paulo, 4,3% no Rio Grande do Sul, 4,2% em Minas Gerais, 3,8% em Santa Catarina, 3,7% em Goiás, 3,3% em Mato Grosso do Sul e 3,0% no Paraná. Esse movimento vem sendo observado desde junho.

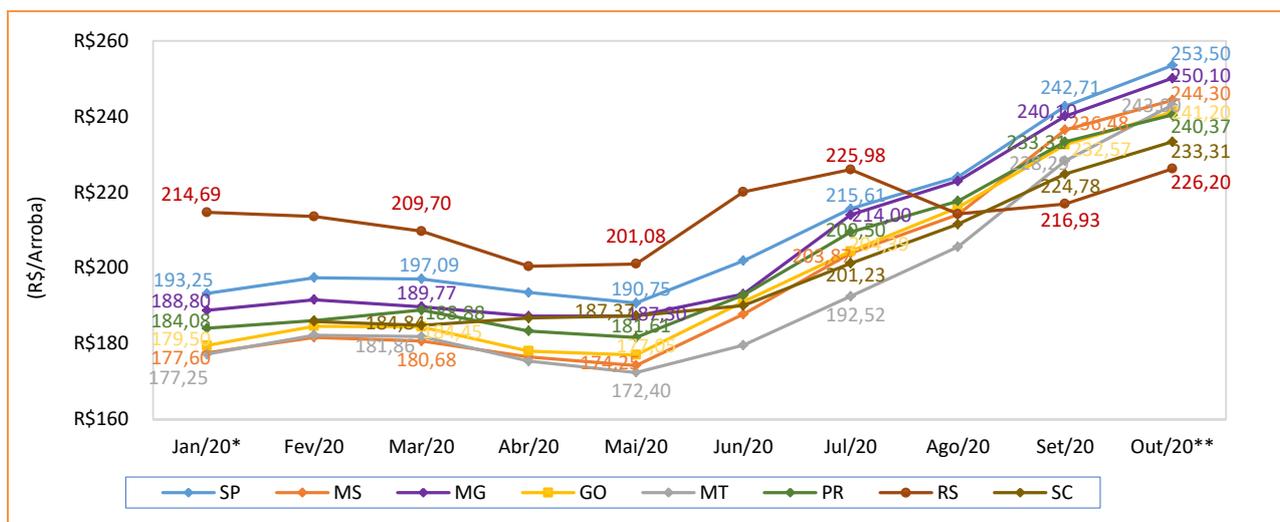


Figura 1. Boi gordo – SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾: evolução dos preços da arroba (R\$/arroba)

* Preço de janeiro/2020 não disponível para o estado de Santa Catarina.

** Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/out./2020.

Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾SEAB; ⁽⁴⁾Nespro.

Os preços atuais estão expressivamente acima daqueles registrados em outubro de 2019: 58,7% em Goiás, 56,8% no Mato Grosso, 56,6% no Mato Grosso do Sul, 55,5% no Paraná, 53,4% em Minas Gerais, 52,7% em São Paulo, 48,9% em Santa Catarina e 38,6% no Rio Grande do Sul. Nos últimos 12 meses, a inflação acumulada foi de **3,1%**, segundo o IPCA/IBGE.

Esse cenário é decorrente, principalmente, do grande volume de exportações de carne bovina, conforme apresentado adiante, e da baixa disponibilidade de animais prontos para abate. Para que se tenha uma ideia, nota divulgada pelo Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (Imea) informa que alguns frigoríficos do Mato Grosso, principal produtor de carne bovina do país, concederam férias coletivas aos seus funcionários no início de outubro em função da dificuldade de adquirir animais para abate. Alguns fatores apontados pela entidade para explicar essa situação são o baixo nascimento de bezerros em 2017/2018 e os efeitos da pandemia de Covid-19 sobre o mercado. A perspectiva é que a conjuntura de baixa oferta perdure ao longo dos próximos meses.

Em Santa Catarina, verificaram-se movimentos de alta na primeira quinzena de outubro em relação ao mês anterior nas duas praças de referência: 4,8% em Chapecó e 4,6% em Lages. Quando se comparam as médias preliminares de outubro com o mesmo mês de 2019, as variações são significativas nos dois casos: 45,4% em Lages e 42,6% em Chapecó.

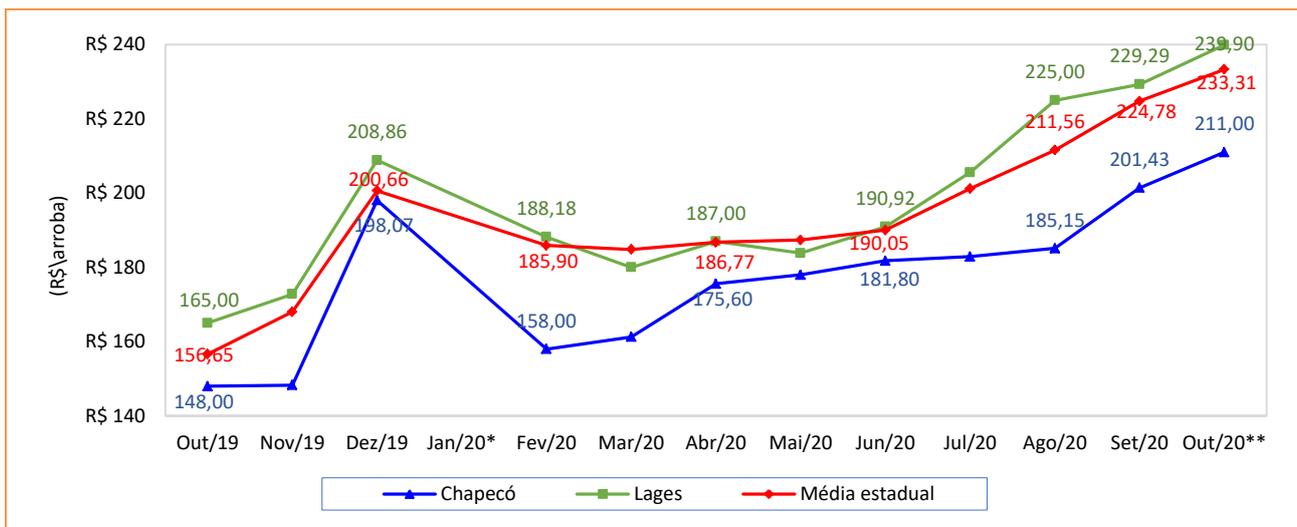


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: preço médio mensal nas praças de referência e média estadual (R\$/arroba)

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/out./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Na primeira quinzena de outubro, os preços de atacado da carne bovina apresentaram altas em relação ao mês anterior: 1,5% para a carne bovina de dianteiro e 2,7% para a carne bovina de traseiro. Na média, a variação foi de 2,1%. Esse movimento de alta vem sendo observada desde julho.

Quando se comparam os valores atuais com aqueles praticados em outubro de 2019, registram-se altas significativas em ambos os casos: 57,8% na carne de dianteiro e 33,5% na carne de traseiro, o que resulta num aumento médio de 45,7%.

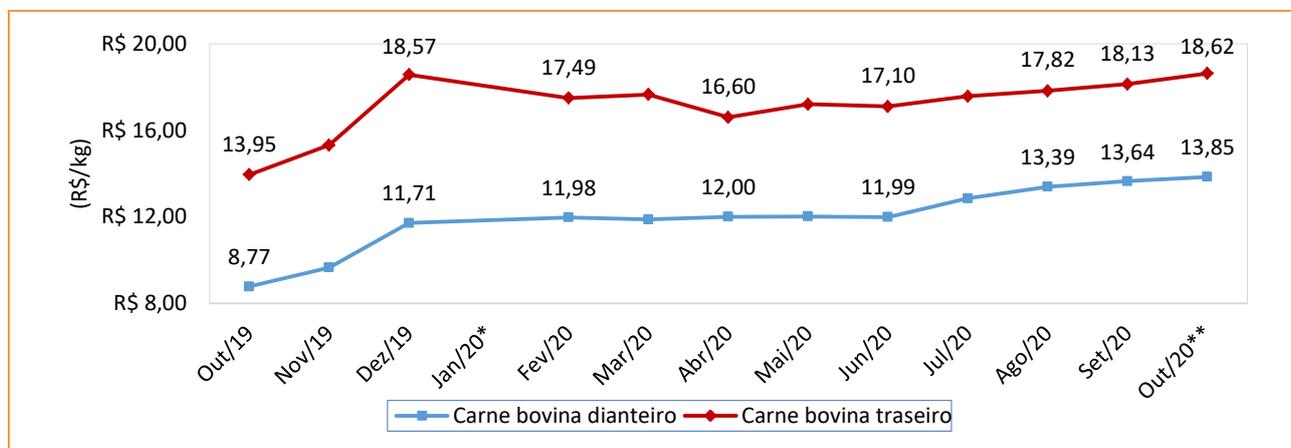


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/out./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Custos

Os preços dos animais de reposição para corte em Santa Catarina apresentam tendência de alta desde meados de 2019. Na primeira quinzena de outubro registraram-se, mais uma vez, variações positivas nas duas categorias consideradas, quando comparadas ao mês anterior: 2,3% no preço dos bezerros de até 1 ano e 2,0% no preço dos novilhos de 1 a 2 anos. Na comparação com outubro de 2019, as variações são de 40,4% para os bezerros e 28,5% para os novilhos.

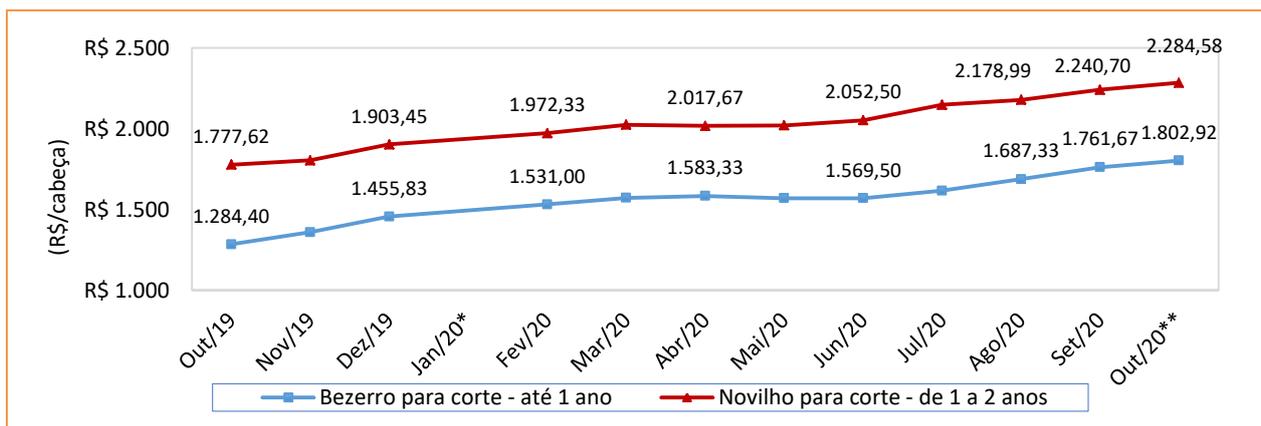


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/cabeça)

* Preços não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/out./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em setembro, o Brasil exportou **166,02 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), **queda de 13,1%** em relação ao mês anterior, mas alta de **1,9%** na comparação com setembro de 2019. As receitas foram de **US\$ 668,28 milhões**, queda de **11,3%** em relação ao mês anterior e de **1,6%** na comparação com setembro de 2019.

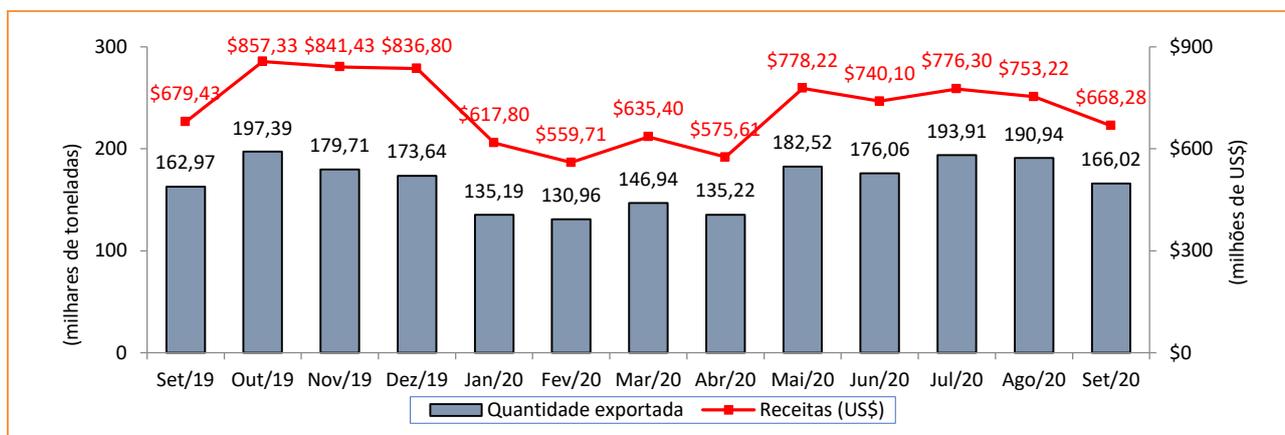


Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada em setembro foi de **US\$ 4.096/tonelada**, alta de **2,2%** em relação ao mês anterior, mas **queda de 2,9%** na comparação com o mesmo mês de 2019.

Nos três trimestres iniciais de 2020, o Brasil exportou **1,46 milhão de toneladas** de carne bovina, com **US\$ 6,10 bilhões** em receitas, altas de **11,0%** e **19,8%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2019.

China e Hong Kong responderam por 59,8% das receitas brasileiras com exportações desse produto no ano. Na comparação com o mesmo período de 2019, a China ampliou em 116,1% o valor e 130,4% a quantidade de carne bovina importada do Brasil.

Conforme demonstram os dados divulgados pela Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME), nas duas semanas iniciais de outubro (7 dias úteis) observou-se aumento na média diária de carne bovina *in natura* exportada na comparação com o mesmo mês de 2019: 4,2% em valor e 10,8% em quantidade.

Santa Catarina, por sua vez exportou **222 toneladas** de carne bovina em setembro, queda de 41,1% em relação ao mês anterior e de 14,7% na comparação com setembro de 2019. O faturamento foi de **US\$ 697 mil**, 35,6% inferior a agosto e 16,7% menor que setembro do ano passado.

De janeiro a setembro, Santa Catarina exportou **2,42 mil toneladas** de carne bovina, com **US\$ 7,43 milhões** em receitas, quedas de 17,9% e 12,3%, respectivamente, na comparação com o mesmo período de 2019. Hong Kong é o principal destino da carne bovina exportada pelo estado este ano, respondendo por 49,5% das receitas.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

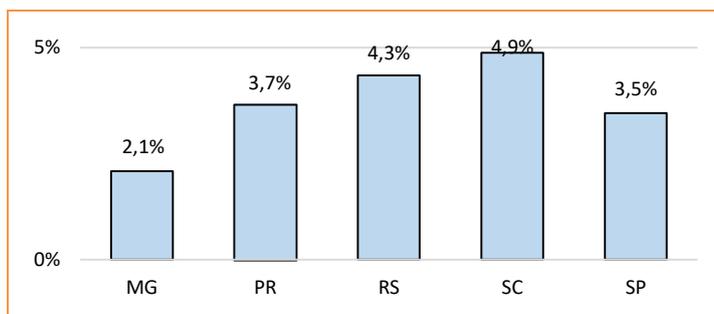


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (setembro/outubro de 2020*)

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

* Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/out./2020.

Na primeira quinzena de outubro, os preços dos suínos vivos apresentaram variações positivas em todos os principais estados produtores (Figura 1), situação que é registrada desde junho passado.

Esse movimento deve-se, principalmente, à forte demanda internacional, em especial por parte da China. Além disso, de acordo com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq/USP), a oferta de suínos vivos com peso ideal para abate segue restrita na maior parte dos estados acompanhadas por aquela instituição, o que tem ajudado a

sustentar o movimento de alta. Contudo, verifica-se que as variações foram menos intensas do que nos meses anteriores, o que pode indicar a proximidade de um patamar de estabilidade.

Quando se comparam os preços atuais com aqueles praticados em outubro de 2019, observam-se variações expressivas em todos os estados analisados: 66,9% no Paraná, 62,2% no Rio Grande do Sul, 59,8% em Minas Gerais, 58,7% em São Paulo e 44,3% em Santa Catarina. De acordo com o IPCA/IBGE, a inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de **3,1%**.

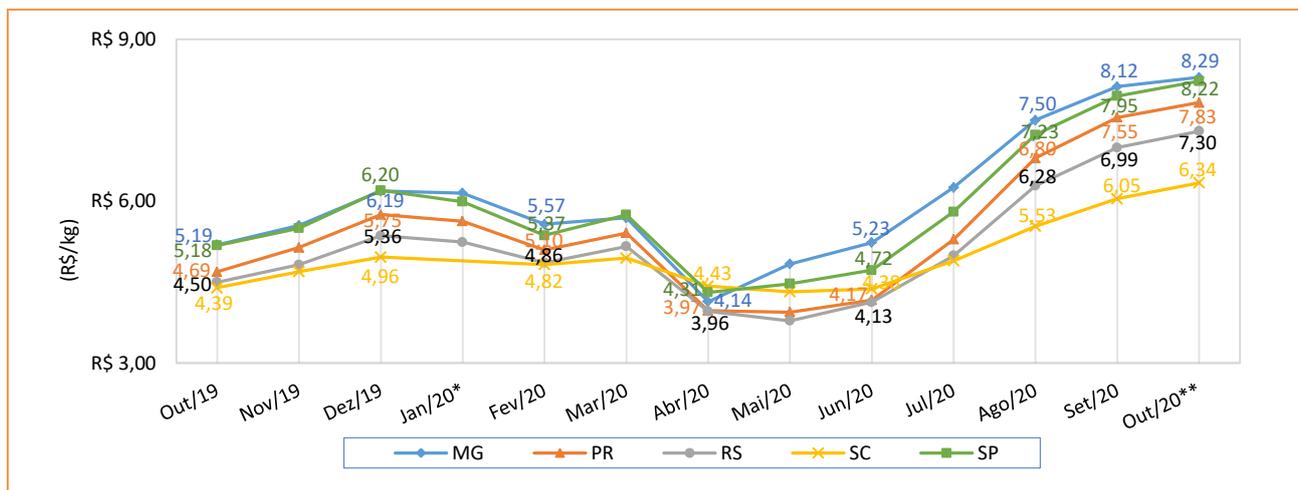


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/out./2020.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Em Chapecó, praça de referência para o suíno vivo em Santa Catarina, as variações observadas na primeira quinzena de outubro, na comparação com o mês anterior, foram de 10,9% para produtores independentes e 4,4% para integrados. Em relação a outubro de 2019, as altas são expressivas: 71,6% para os produtores independentes e 30,3% para os integrados.

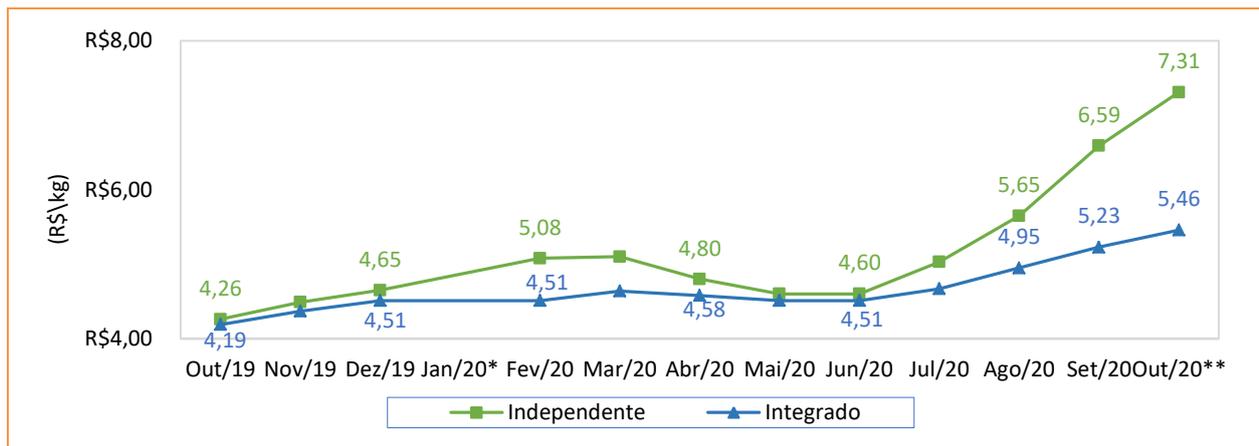


Figura 3. Suíno vivo – Chapecó/SC: preço médio mensal para produtor independente e produtor integrado

** Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/out./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Na primeira quinzena de outubro, os preços de atacado de todos os cortes de carne suína acompanhados pela Epagri/Cepa registraram altas na comparação com o mês anterior: costela (3,5%), pernil (2,5%), lombo (2,3%), carcaça (2,1%) e carré (1,7%). A variação média dos cinco cortes foi de 2,4%. Esse movimento de alta é observado desde maio, com destaque para julho (média de 5,8%) e agosto (média de 8,7%).

Quando se comparam os valores preliminares de outubro com os preços praticados no mesmo mês de 2019, verificam-se variações grandes em todos os cortes: carcaça (52,6%), carré (38,5%), pernil (32,8%), costela (21,0%) e lombo (17,95%). Na média, a alta foi de 32,6%.

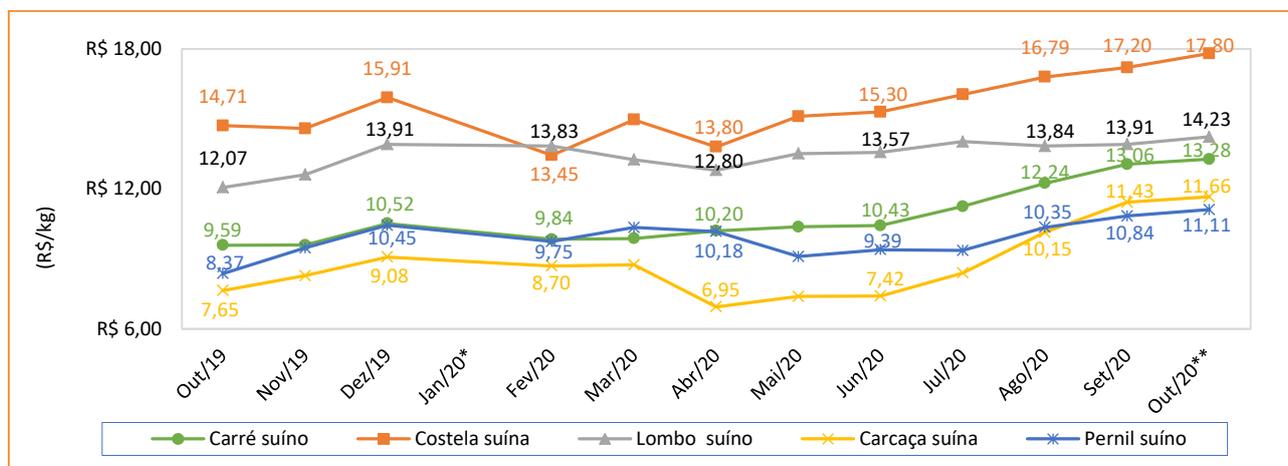


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual de diversos cortes suínos no atacado (R\$/kg)

* Preços não disponíveis para o mês de janeiro/2020.

** Os valores de setembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/set./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Custos

Os preços dos leitões mantém o movimento de alta observado há alguns meses. Em setembro, as duas categorias analisadas tiveram alta de 4,4% em relação a agosto. Na primeira quinzena de outubro, os preços médios preliminares novamente registraram variações positivas: 3,3% para os leitões de 6 a 10kg e de 4,8% para os leitões de aproximadamente 22kg. Na comparação com as médias de outubro de 2019, as altas foram de 27,0% e 27,5%, respectivamente.

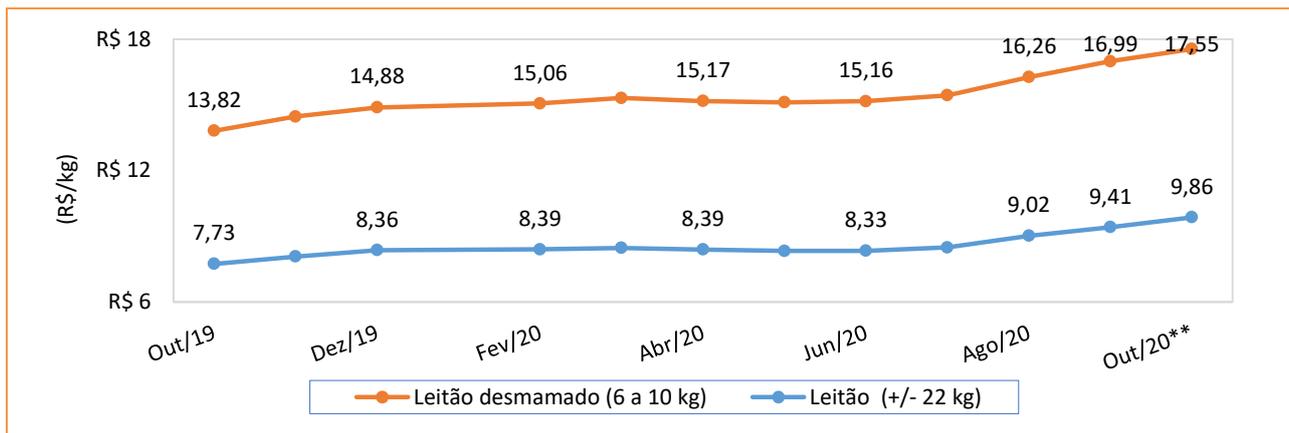


Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)

* Preços não disponíveis para o mês de janeiro/2020.

** Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/out./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

O Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno) de setembro, calculado pela Embrapa Suínos e Aves, registrou alta de 6,4% em relação ao mês anterior. Considerando-se os últimos 12 meses, a variação foi de 33,2%, principalmente em função da elevação dos custos com alimentação animal (28,8%).

A relação de equivalência insumo-produto registra queda de 0,5% na comparação entre os valor preliminar da primeira quinzena de outubro e o mês anterior. O aumento de 8,0% na cotação do suíno vivo em Chapecó foi, em grande parte, compensado pela elevação no preço de atacado do milho na mesma praça (7,4%), o que fez com que o índice apresentasse pouca alteração. O valor atual é 5,2% superior àquele observado em outubro de 2019.

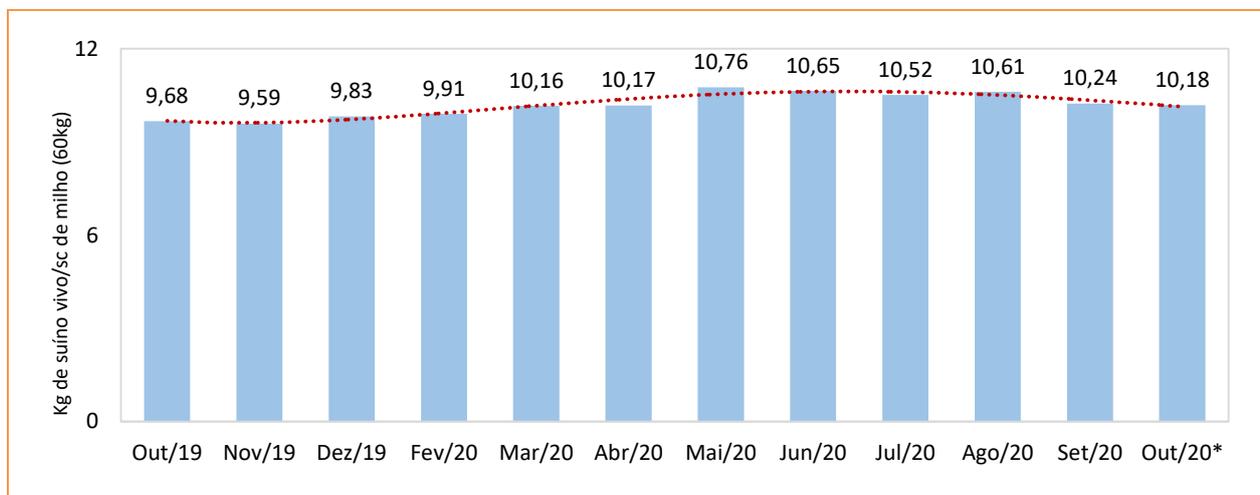


Figura 6. Suíno vivo - Chapecó/SC: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.

* O valor de outubro é preliminar, relativo ao período de 1 a 15/out./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

A tendência de queda na relação de troca insumo-produto evidencia um problema que vem sendo enfrentado pelos suinocultores, em especial os independentes: as altas nos preços do suíno vivo, embora expressivas, não se convertem integralmente em aumento de rentabilidade, já que os custos de produção também aumentaram significativamente. Isso se deve, entre outras coisas, ao crescimento das exportações de milho e soja, os dois principais componentes das rações, o que faz com que esses produtos registrem cotações recordes.

Comércio exterior

Em setembro, o Brasil exportou **85,10 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), **queda de 12,8%** em relação ao mês anterior, mas alta de **33,1%** na comparação com setembro de 2019. As receitas, por sua vez, foram de **US\$ 187,18 milhões**, **queda de 10,1%** em relação ao mês anterior, mas crescimento de **34,3%** na comparação com setembro de 2019.

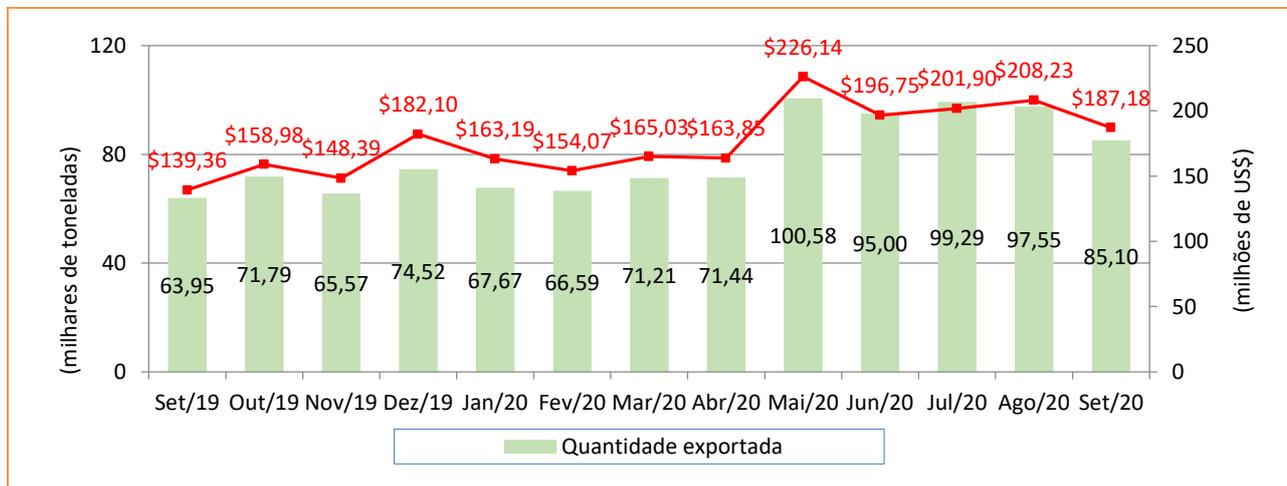


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

Nos nove meses iniciais do ano, o país exportou **754,43 mil toneladas** de carne suína, com **US\$ 1,67 bilhão** em receitas, altas de **41,4%** e **50,1%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2019.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne suína em 2020 são China, Hong Kong, Cingapura, Uruguai e Vietnã, responsáveis por 84,0% das receitas no período. China e Hong Kong somam 69,8% do total.

De acordo com a Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME), nas duas semanas iniciais de outubro (7 dias úteis), a média diária de embarques de carne suína *in natura* mais uma vez apresentou alta na comparação com o mesmo mês de 2019: 51,1% em valor e 53,5% em quantidade.

Segundo nota divulgada pela Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), a expectativa é que esse ritmo de embarques se mantenha ao longo dos próximos meses, devendo o montante total passar de 1 milhão de toneladas este ano.

Recentemente, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) publicou seu relatório periódico sobre o setor de proteínas animais, em que aponta a perspectiva de crescimento de 4% na produção mundial de carne suína em 2021, em grande parte puxada por um aumento de 9% na produção chinesa.

Em setembro, Santa Catarina exportou **43,11 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), **queda de 15,1%** em relação ao mês anterior, mas alta de **16,2%** na comparação com setembro de 2019. As receitas foram de **US\$ 97,12 milhões**, **queda de 11,2%** em relação ao mês anterior e alta de **19,0%** na comparação com setembro de 2019.

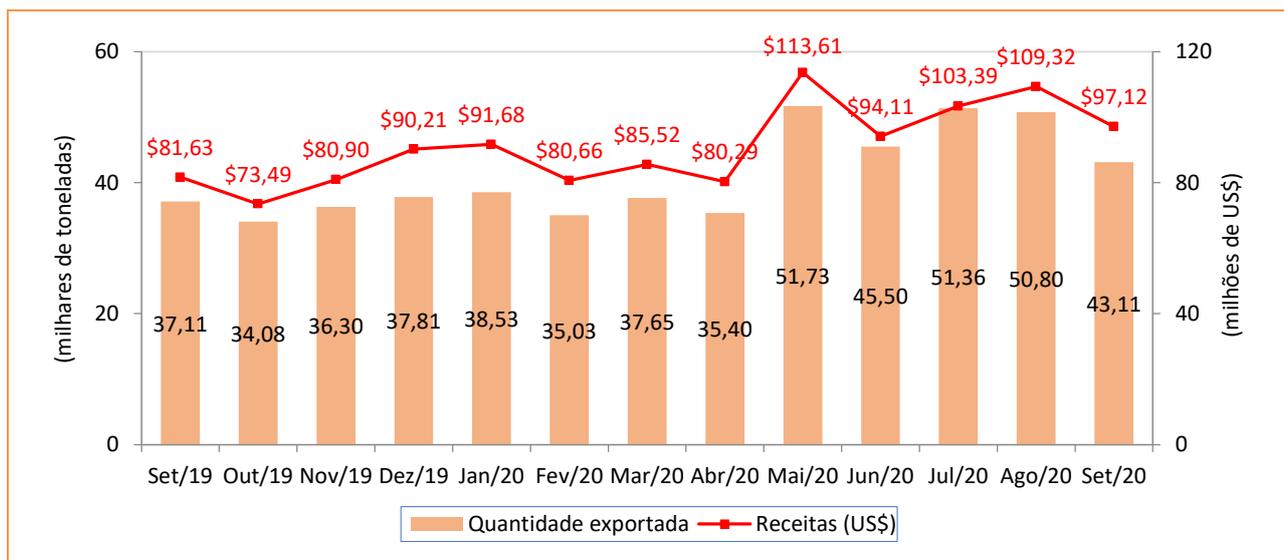


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em setembro foi de **US\$ 2.330/tonelada**, alta de **4,8%** em relação ao mês anterior e de **2,1%** na comparação com setembro de 2019.

De janeiro a setembro, o estado exportou **389,11 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$ 855,70 milhões**, altas de **26,2%** e **37,4%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2019. Santa Catarina foi responsável por **51,4%** das receitas e **51,6%** da quantidade de carne suína exportada pelo Brasil este ano.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína, listados na Tabela 1, foram responsáveis por 84,8% das receitas e 81,4% da quantidade embarcada. China e Hong Kong responderam por 71,0% do valor e 70,2% do volume.

Tabela 1. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan. a set./2020

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	531.874.921,00	231.185
Hong Kong	75.980.612,00	42.018
Chile	63.704.480,00	28.592
Japão	33.214.153,00	8.758
Estados Unidos	20.640.506,00	6.015
Demais países	130.285.208,00	72.540
Total	855.699.880,00	389.108

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos da suína carne catarinense, sete apresentaram variações positivas nas receitas acumuladas neste ano em relação ao mesmo período de 2019, com destaque para China (93,3%), Japão (153,4%), Estados Unidos (59,7%) e Vietnã (59,9%). Dentre as variações negativas, destacam-se Chile (-15,0%) e Argentina (-39,2%).

Vale mencionar que, no final de setembro, a unidade de abate de suínos da BRF, localizada em Concórdia, foi habilitada a exportar para o Vietnã, país que atualmente é o 10º principal destino da carne suína catarinense e enfrenta uma séria crise na suinocultura, decorrente de surtos de peste suína africana. Com isso, há perspectiva de incremento nas exportações catarinenses a partir dos próximos meses.

Peste suína africana

Conforme mencionado na edição anterior do Boletim Agropecuário, no início de setembro a Alemanha confirmou seu primeiro caso de peste suína africana (PSA), detectada em um javali encontrado morto perto da fronteira com a Polônia. Até a finalização desta publicação (15/outubro), já haviam sido registrados 69 casos, todos em javalis. Por enquanto, nenhuma contaminação de suínos domésticos foi relatada.

Após o primeiro caso, diversos países suspenderam a importação de carne suína da Alemanha, como é o caso de Coreia do Sul, Japão, Argentina e o próprio Brasil. A Alemanha é o maior produtor europeu de suínos, além de ser também um importante ator no mercado mundial, com exportações anuais de carne suína que giram ao redor de US\$ 4 bilhões. Essa situação deve gerar aumento da demanda para outros grandes fornecedores, como Estados Unidos, Espanha e Brasil.

Em setembro também foram detectados novos casos de PSA nas Filipinas, país que não registrava nenhuma ocorrência desde 2019. Essa situação prejudica a recuperação do rebanho suíno filipino e pode ampliar o déficit de carne suína, projetado em 121 mil toneladas neste ano. Vale mencionar que Filipinas é o 10º maior consumidor mundial de carne suína e o 7º principal importador.

A China, por sua vez, segue no seu esforço de tentar recuperar a produção de suínos, severamente afetada pela PSA em 2018 e 2019. Segundo informações do Ministério de Agricultura e Assuntos Rurais daquele país, em agosto registrou-se alta de 37% no rebanho de matrizes, quando comparado ao mesmo mês do ano passado. Contudo, especialistas apontam que os atuais plantéis são menos produtivos que os anteriores à PSA, já que fêmeas jovens que normalmente seriam destinadas ao abate estão sendo mantidas para ampliar a produção.

As importações chinesas de carne suína nos primeiros nove meses deste ano chegaram a 3,29 milhões de toneladas, um aumento de 132,2% em relação ao mesmo período de 2019, conforme comunicado da Administração Geral de Alfândegas daquele país.

Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Preços

Na reunião de setembro (dia 18), o Conseleite/SC definiu o preço de referência final para o mês de agosto e projetou o preço de setembro. O valor final de agosto (R\$1,7288/l) ficou pouco mais de 3 centavos acima do valor que havia sido projetado na reunião anterior (R\$1,6943/l) e o acréscimo no valor projetado para setembro (R\$1,8276/l) é quase 10 centavos superior ao valor final de agosto (Tabela 1).

Tabela 1. Leite padrão – Santa Catarina: preços de referência do Conseleite – jan./2018 a set./2020

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso			Variação (%)	
	2018	2019	2020	2018-19	2019-20
Janeiro	0,9695	1,1659	1,2273	20,3	5,3
Fevereiro	1,0128	1,2309	1,2342	21,5	0,3
Março	1,0857	1,1957	1,2974	10,1	8,5
Abril	1,1295	1,2185	1,3192	7,9	8,3
Mai	1,1522	1,2535	1,3091	8,8	4,4
Junho	1,3454	1,2036	1,5176	-10,5	26,1
Julho	1,4050	1,1560	1,5588	-17,7	34,8
Agosto	1,2997	1,1918	1,7288	-8,3	45,1
Setembro	1,2582	1,1767	1,8276	-6,5	55,3
Outubro	1,2351	1,1516		-6,8	
Novembro	1,1358	1,1779		3,7	
Dezembro	1,1228	1,2227		8,9	
Média anual	1,1793	1,1954		1,4	

Setembro/2020: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC, setembro/2020.

Em valores reais¹², esse preço projetado para setembro é o segundo maior desde 2007, quando tem início a série histórica do Conseleite/SC. É superado apenas pelo preço de julho/2016, cujo valor corrigido alcança expressivos R\$2,0742/l. O crescimento do preço de referência a partir de maio é reflexo do aumento dos preços dos lácteos no atacado, de maneira especial dos preços dos queijos, conforme mostram os levantamentos da Epagri/Cepa (Tabela 2).

Tabela 2. Lácteos – Preços médios no mercado atacadista de Santa Catarina – fev./2020 a set./2020

Mês	Leite (litro)		Manteiga extra	Queijo (Kg)		Leite em pó
	UHT	Pasteurizado	(200g)	Muçarela	Prato	(kg)
Fevereiro	2,33	2,43	6,30	18,17	18,82	18,53
Março	2,35	2,53	6,02	18,13	20,73	18,53
Abril	2,81	2,54	5,85	16,20	17,89	20,63
Mai	2,76	2,58	5,56	17,55	19,89	19,65
Junho	3,08	2,71	5,52	20,60	21,60	19,83
Julho	3,10	2,78	6,46	24,39	25,96	20,17
Agosto	3,31	2,90	7,21	27,62	29,14	21,76
Setembro	3,45	3,08	6,40	28,88	29,56	23,25
Var. mai-set (%)	25,0	19,4	15,1	64,6	48,6	18,3

Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2020.

¹²Valores corrigidos para setembro de 2020 pelo Índice Geral de Preços-Disponibilidade Interna (IGP-DI), da Fundação Getúlio Vargas.

A reunião de outubro do Conseleite/SC, marcada para o dia 23, definirá o preço de referência final de setembro e projetará o preço de outubro. A tendência é de queda no preço a ser projetado para outubro, que serve de base para o preço que os produtores receberão em novembro, que também deverá ser inferior ao preço de outubro (Tabela 3).

Tabela 3. Leite – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ aos produtores – jan./2018 a out./2020

Mês	R\$/l posto na propriedade			Variação (%)	
	2018	2019	2020	2018-19	2019-20
Janeiro	0,94	1,09	1,22	16,0	11,9
Fevereiro	0,94	1,17	1,26	24,5	7,7
Março	0,96	1,25	1,29	30,2	3,2
Abril	1,01	1,27	1,28	25,7	0,8
Mai	1,09	1,32	1,19	21,1	-9,8
Junho	1,14	1,32	1,31	15,8	-0,8
Julho	1,30	1,23	1,50	-5,4	22,0
Agosto	1,35	1,19	1,66	-11,9	39,5
Setembro	1,31	1,21	1,87	-7,6	54,5
Outubro	1,28	1,21	1,95	-5,5	61,2
Novembro	1,24	1,19		-4,0	
Dezembro	1,11	1,18		6,3	
Média anual	1,14	1,22		7,0	

⁽¹⁾Preço médio mais comum, das principais regiões produtoras, no período de pagamento.

Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2020.

Balança comercial

Em julho e agosto houve aumento nas importações brasileiras de lácteos, mas os patamares alcançados não foram nada excepcionais quando comparados aos de alguns meses de 2019 ou 2018. Em setembro não foi assim, as importações se aproximaram de 23 mil toneladas. Nos últimos anos, patamar mensal parecido com este só em 2016, quando as importações de lácteos foram o recorde dos últimos anos (Tabela 4).

Tabela 4. Importações e exportações brasileiras de lácteos – 2016-20

Mês	Toneladas									
	Importações					Exportações				
	2016	2017	2018	2019	2020	2016	2017	2018	2019	2020
Janeiro	8.378	18.960	8.366	13.649	10.583	2.296	3.897	2.068	1.614	2.859
Fevereiro	7.523	16.312	10.332	16.046	8.804	6.241	3.594	2.263	2.329	1.786
Março	16.859	15.467	9.029	10.689	9.384	2.470	4.620	2.228	2.897	2.543
Abril	21.185	13.536	11.965	10.864	5.997	2.528	1.609	1.343	1.661	1.812
Mai	25.777	17.700	13.418	13.729	7.523	3.204	2.260	712	1.947	2.346
Junho	25.191	17.338	11.077	10.954	8.421	3.224	3.596	1.042	1.612	2.156
Julho	23.918	16.027	13.848	9.949	12.585	3.731	2.326	1.127	1.799	2.658
Agosto	25.672	13.472	13.266	9.858	17.987	6.023	2.866	2.018	1.893	2.719
Setembro	28.872	10.400	11.863	12.759	22.828	6.911	2.493	2.653	2.035	2.427
Até setembro	183.375	139.212	103.164	108.497	104.112	36.628	27.261	15.454	17.787	21.306
Outubro	19.249	8.968	18.471	9.777	-	5.306	2.252	1.919	1.959	-
Novembro	20.583	9.093	17.919	10.826	-	6.188	4.336	2.207	2.074	-
Dezembro	19.360	9.057	10.285	10.235	-	4.452	2.191	2.664	1.963	-
Total	242.567	166.330	149.839	139.335	-	52.574	36.040	22.244	23.783	-

Fonte: Comex Stat, outubro/2020.